

ASSIGNATURAS  
 ANNO..... 20\$000  
 SEMESTR.. .... 12\$000

Numero avulso, 500 rs.

# OS ANNAES

Escritorio e Officinas  
 25, RUA DE S. JOSÉ, 25  
 APPARECE A'S QUINTAS-FEIRAS

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

## CHRONICA POLITICA

Está muito preocupada a imprensa cariôca com o acolhimento fidalgo, a hospedagem dos illustres representantes das duas Americas, concurrentes ao proximo Congresso Pan-Americano.

Não temos palacios, não podemos recorrer á gente aristocratica para nos emprestar as suas vendas de ares sumptuosos ; não temos hotéis, como demonstrou «A Tribuna», numa interessante reportagem sobre esse genero de habitação essencial, indispensavel ás cidades cultas. Os aposentos disponiveis estão tomados ou vão ser cruamente explorados, na proporção dessa necessidade accidental, augmentados os preços formidaveis na razão da procura anormal.

Além disso, a maioria dos nossos hotéis não reúne as condições de asseio e conforto devidos a tão finos personagens : não poderemos indicar-lhes o Hotel Caboclo, nem leval-os para uma dessas policilgas envernizadas de fresco, pintadas de verde, condecoradas com o titulo de grandes hotéis, estabelecidos em velhos pardieiros aproveitados, adaptados aos remendos, cheios de parques moveis velhos, de uma pobreza repugnante ; não poderemos recommendar-lhes um hotel situado em aprazivel, em pictoresco declive da montanha dentro da cidade, quando elle é mantido e dirigido por um cidadão, conhecido vulgarmente por José dos Porcos.

Onde collocaremos os nossos visitantes, de maneira a lhes inspirar uma agradavel impressão de sua rapida passagem pelo Rio de Janeiro, uma vez que não basta abarrotal-os com o magnifico espectáculo da nossa deslumbrante «natureza», com as classicas excursões á Tijuca, ao Corcovado, a Petropolis ?

Essa preocupação deveria ter occorrido desde o dia em que ficou resolvida a reunião do congresso no Rio de Janeiro. Deixámos tudo para a ultima hora ; contámos, conforme os nossos habitos de imprevidencia, com os recursos improvisados no momento extremo ; é natural que nos contorçamos, agóra, nos apertos de um vexame irremediavel.

Deveríamos saber que somos um povo pobre, sem costumes sumptuosos, vivendo modestamente, sem exterioridades faustosas, uma ou outra vez interrompidas por exhibições de pechisbeque, raras e ridiculas ; deveríamos ter percebido, por ser demasiado notorio, que não temos material para as pompas desses momentos solemnes, como devem ser

os de uma visita de nações, que vêem, pelos seus representantes, a nata dos seus diplomatas, dos seus homens notaveis na imprensa, na sciencia, nas letras, apreciar, «de visu», o nosso progresso mental e material, o gráu de cultura da nossa sociedade, os nossos habitos de povo civilisado.

Não temos, nem mesmo o ordinario, o estritamente indispensavel, para essas recepções de caracter internacional. Não temos carruagens, não temos cavallos, não temos lacaios, não temos creadagem : falta-nos absolutamente tudo o que se exige de mais comesinho para o esplendor das festas, dos obsequios dessa ordem. É essa falta não se pôde remediar, do pé para a mão, como faria um burguez surprehendido por visita de elevada categoria, mandando pedir aos visinhos as toalhas e os guardanapos limpos, a louça, os talheres e algumas cadeiras que suppram a deficiencia da mobilia.

Devemos, entretanto, observar que essa pobreza não nos deshonra, como não deshonra a ninguém viver como pôde, dentro dos recursos de seus haveres, ou conforme os nossos habitos de gente simples, sinceramente desprendida de pretenções luxuosas, em geral limitadas á estreita área do lar, ao delicioso bem estar tranquillo e modesto da familia.

Não temos economias que nos facilitem ostentações caras, ou as nossas economias, em grande parte, emigram, como acontece em todos os paizes de exploração, offerecendo magnificos resultados ás aventuras da immigração. Os lucros das grandes empresas, das extraordinarias operações industriaes, revertem para a origem dos capitães que, as promoveram e fecundaram, capital estrangeiro, capital que, embóra radicado ao sólo, não se desnacionaliza, permanece como um dren colossal através do Atlantico.

A immigração que fica, que se mistura com o elemento indigena, é da mais humilde procedencia, é composta de camponeses, de operarios ou da infima classe desbordante dos grandes centros de população europeus ; ella facilmente se assimila aos nossos habitos patriarchaes, de simplicidade profundamente conservadora e feliz.

Não temos aristocracia. As sementes della transplantadas, na phase colonial, pelos donatarios, pelos grandes senhores, pelos favoritos dos governos da metropole, ávidos de ouro, de especiarias ; essa promiscua semente de heróes, de bandidos, de homens illustres, degenerou, á erosão do tempo, do clima, das estranhas condições do meio ; disper-

sou-se, perdeu-se, deixando como vestígios de sua florescencia brilhante e ephemera, tradições de nomes retumbantes, apagados, pouco a pouco, no conjunto de allianças humildes, vestígios faustos, attestados pelos casarões decaídos de sua serventia gloriosa e lentamente transformados em casas de pensão, em estalagens, de todas as categorias, invadidas por um exotico povo de libertos, de operarios, que levam consigo todos os tristes sedimentos das pobrezaas, ou as nojentas secreções da miseria.

Os argentinos teem fausto pela simples razão de terem já a sua aristocracia plutocratica, como a teem os americanos do norte; teem vida luxuosa com todos os requintes dos gozos das grandes capitaes europeas, porque produzem mais, consideravelmente mais, com os seus cinco milhões de habitantes, do que nós com os nossos dezoito milhões de

almas, conforme as estatisticas eternamente imperfeitas, erradas ou hypotheticas. Elles hospedaram o sr. Campos Salles no palacio Devoto; hospedarão o sr. E. Root no esplendido palacio Anchiorema, um primor de riqueza, de architectura, de conforto.

Nós, para dizer a verdade nua e crúa, somos uns pobretões tristes, dispersados no mais rico paiz do mundo: não podemos dar o que não temos. Consolemo-nos á nossa modesta condição, aos nossos poucos recursos, recebendo os nossos preciosos visitantes de braços abertos, numa sincera effusão de alegria pela sua bôa vinda. Elles que se arranjem, que se accomodem como puderem, e ignorem as faltas.

A casa é pobre, é pequena; não é de galizias, mas o nosso coração é immenso, tem logar para todos.

POJUCAN.

## REMINISCENCIAS DA FRONTEIRA

PELO RIO NEGRO: A VAPOR,  
A REMO E Á SIRGA.

19 DE AGOSTO

Foi, em toda a nossa pictoresca e commovente andança, o dia mais impressivo. Logo cedo, mandei roçar e limpar um grande trecho do alto do barranco elevado, para que as espias pudessem ser estendidas e aladas livremente.

Para dar-lhes volta, mandei fincar páus roliços e fortes na encosta da collina, bem defronte e acima da grande quéda de Cunecú.

Os moradores souberam, de vespera, que a lancha ia tentar a passagem e espalharam-se ao longo da ribanceira, na costa pedregosa e ingreme, e nas encostas, escolhendo pontos favoraveis para assistirem á nossa lucta, da qual poderia resultar a victoria ou um desastre.

Muitos alli fôram, como os que vão testemunhar os ultimos momentos dos justicados, oscillando entre a pena e a curiosidade de uma desgraça.

O Manoel Pedro e eu já haviamos estudado a manobra. Eram tres as espias que deviam ser aladas por cincoenta homens de bôa vontade. O Alencastro estava com elles, animando-os e dirigindo-os.

Havia uma quarta, destinada a impedir que a lancha, impellida pelas correntes, ganhasse o largo.

O Manoel Pedro manejava o leme, o indio Andréaçu a esparrela. O Osorio, na sua machina, o Macario, no fogo, e eu, com as miulhas esperanças, compunhamos a guarnição da *Araujo*, fundeada no porto de baixo.

Tudo prompto e o manometro marcando 60 libras, mandei largar.

Subimos de vagar pelo remanso até perto da *pancada* grande.

Era preciso, para evitar as suas coleras, afastarmos-nos um pouco das penedias da costa. Mandei «atrás e devagar», enquanto o Manoel Pedro se esforçava no leme para ganhar o *lizo*, o *fio da corrente*.

Abaixo de nós, as aguas arrebatavam de encontro aos penedos em desordem, espadanando em resacas violentas como nos parceis do oceano em dias de temporal.

Quando o velho pratico julgou conveniente, fez-me signal. Mandei parar. Nesse momento, só as espias impediam que nos espedaçassemos.

Foi um instante. Mandei «adeante, a toda força», e eu proprio abri a valvula do apito convencional, para alarem as espias. A lancha entrou vibrando na cachoeira. As aguas invadiam-na, aos cachões, pela prôa e pelas amuradas. Entre nós e a costa, rugia, abrindo-se em largas espias, um abysmo medonho, que nunca se fechava.

Quando ganhámos o *lizo*, o Manoel Pedro apontou com o labio inferior, para a amarra que nos prendia á terra, e disse—é preciso cortal-a.

Decepei-a de um golpe de macheta. A minha força parecia duplicada. Com a prôa para o largo, quasi nada adeantavamos. As espias vibravam cada vez mais tensas. Soldados e indios alavam com vontade, animando-se com gritos e dando volta aos mourões. O momento era critico. Um arrauco ainda e galgariamos a crista alva do despeuhadeiro, que se movia em rolos de espuma.

Já estavamos quasi no alto. Era extrema a minha anciedade. Apitei uma, duas e tres vezes. Era um signal.

Os indios curvaram-se sobre as espias e puxaram mais e mais.

A tensão era maxima e vibravam em estalos. Estourou uma, perto do mourão, onde lle davam volta, e desceu formando immenso seio, que parecia arrastar-nos para baixo. Cortei-a de um golpe, e percorreu-me o corpo um calefrio.

Perguntei a mim proprio, no segredo da consciencia:—Que fazer?

Seguir adeante — foi a resposta. Apitei e apitei muitas vezes e acenei com o lenço, com o chapéo, com os braços... Os homens comprehenderam a minha anciedade e, quasi deitados sobre as duas espias que restavam, fincando no chão os pés robustos, alaram e alaram.

Rompeu-se outra.

Cortei-a tambem de um só golpe e ella desceu contorcendo-se como uma sucurijú phantastica.

Só restava uma, e estavamos quasi galgando a crista da cachoeira... As aguas ruidosas entravam espumando em borbotões na lancha, que parecia agachar-se e já não se podia ouvir o ruido da helice, porque a pôpa estava toda mergulhada. Era difficil andar no convéz, tal a sua inclinação. Mulheres e homens em terra caíram de joelhos e com os braços levantados para o céu gritavam:—Misericordia!

A cachoeira parecia ir torcendo a pobre lancha de ferro, que se adernava ainda e sempre. Tudo parecia perdido.

Gritei ao Macario — mais lenha na fôrnalha — e ao Osorio — mais força ainda, si puder.

Aos homens de terra, soldados e indios, confundidos no mesmo esforço, acenei e bradei, esguelando-me:

— Puxa, puxa, peciki, peciki, kimbáu, força rapazes.

A minha vóz era dominada pelo ronco atroador da Curucúí.

Apitei seguidamente. Já estava impaciente.

Andreaçú havia abandonado a esparrela por não poder mais manobral-a. A pôpa estava mergulhada, e abaixo os escarcéos se espedaçavam de encontro aos rochedos, que emergiam negros da superficie revólta das aguas espumantes. O Manoel Pedro mantinha-se frio e calmo no leme; parecia não ter perdido a esperança.

Que bôa era a minha indiada! Fez um esforço snpremo e a espia tambem era bôa e forte: resistiu.

Vi a lancha avançar lentamente e depois a prôa abaixar-se. Tinhamos chegado ao alto e vencido.

Seguimos, placidos, ao proximo remanso. Pude respirar desafogado. Estava tranquillo e contente. Impossivel descrever a minha gratidão áquelles homens rudes e esforçados, que tanto fizeram por mim naquelles transes difficeis. Felizmente, não esqueço aquelles que me ajudam. Deviam estar fatigados do esforço que fizeram naquelles dias. Era preciso dar-lhes algum repouso.

Licenciei-os até os primeiros dias de setembro. No dia 4, estavam todos reunidos no povoado.

No dia 5, dissipou a cerração, que se apresentára muito densa desde o amanhecer, desamarrou-se a lancha, já toda limpa e garrida, prompta para a viagem do remanso, onde sâe o pequeno igarapé *Machiaca*, que é o cariôca de que se orgulham os *sãogabrieluáras*. Saín costeando de espaço a margem esquerda, até entrar no graude remanso marulhoso da famosa cachoeira da Fortaleza.

A manobra era subir por elle arriba, o mais que fôsse possivel, para não descaírmos muito na travessia para a margem opposta e podermos passar acima duns cachopos muito perigosos, que emergem do leito do rio a juzante do sitio do velho Manoel Pedro.

Era muito conhecida delle essa manobra, pois passava muitas vezes, e á noite quando precisava, de uma para a outra margem.

O unico risco, mas este muito sério, era o de baixar a pressão rapidamente quando a lancha chegasse ao meio do rio e ser levada irresistivelmente aguas abaixo em velocidade vertiginosa e arrojada sobre os parceis, onde a sua perda seria inevitavel. Valia-nos muito não ser muito extensa a travessia. A largura do rio, alli não ia muito além de trezentos metros. Impellida pela machina a toda a força e pela grande corrente propiera do remanso, a lancha ganhou muita velocidade e assim entrou garbosa, arrostando impavida os rebôjos e marouços da For-

taleza e corcoveando como em mar alto.

O pezo das aguas, entretanto, era enorme e ella não tinha força bastante para a lucta. Começou a descaír. O velho esforçado e calmo mantinha a prôa sempre para cima. Descaía rapidamente.

O Macario enchia a fornalha de lenha escolhida, e o machinista dava todo o vapor e carregava as valvulas.

O momento era critico. A agulha do manometro movia-se fatalmente para a esquerda. De 55 passou, em pouco tempo, a 50, a 45, a 40, a 35; e já viamos as ondas espumando, espedaçarem-se sobre os penedos muito proximos. Precipitavamos-nos a um naufragio inevitavel. Parecia não haver remedio á nossa situação.

De subito, a lancha desceu mais velóz e difficilmente o Manoel Pedro pôde aguentar o leme: foi preciso que eu corresse a ajudal-o a manter a prôa para cima. Estavamos quasi sobre os parceis perigosos.

O velho indio olhou-me e sorriu. Ella parava, equilibrada no remanso duma rocha submersa, cuja sombra escura mal viamos quasi á flôr das aguas.

Elle tudo previra e para salvar o vaporsinho, manobrára para alli. Alguns indios que elle levava a bordo, prevendo, talvez, aquillo, saltaram sobre a pedra e aguentaram a lancha com uma espia, enquanto a pressão subiu a 60 libras. Passámos rente á pedra e ganhámos a margem direita, acima dumas cachoeiras muito perigosas. Dalli para cima, havia ainda passagens perigosas, mas a nossa lanchinha não lhes dava mais importancia, porque já estava muito pratica. Houve algumas, que transpoz sem o auxilio das espias.

Parámos no sitio do Manoel Pedro, onde elle embarcou uns cachos de bananas para o seu mingáu da manhã, e mostrou-me com orgulho a sua farda de soldado, que guardava num patuá e que eu olhei com respeito e sympathia. Logo depois, saímos, tendo de vencer, á espia, uma corredeira muito forte. Cortámos por fóra da cachoeira do Temáuabo e ganhámos o remanso da grande pedra do Pacú, onde parámos afim de pôrmos uma espia para uma illota fronteira. Dalli passámos entre duas ilhotas e atravessámos novamente para a margem direita, em direitura ao sitio do Candido, donde seguimos para o remanso dumas pedras ao meio do rio. Atravessámos para a margem direita e fômos saír acima do sitio do João da Gama. Subimos pela mesma margem e fizemos prôa para a ilha de Boia-quára. Dahi passámos para outra, que lhe fica acima e defronte de S. Miguel. Buscámos o remanso da cachoeira de Boia-quára e

a montámos com muita difficuldade. Continuámos sempre pela margem direita, ora aproveitando os remansos, ora atravessando para as ilhas proximas, onde havia correntezas fortes junto á costa firme. De ilha em ilha, chegámos á de Acutiáua, donde passámos para a ponta de Bôa-Vista.

Costeando a margem direita, chegámos á ponta do Cabary. Dalli approámos para a ilha proxima, que fica bem ao meio do rio e della atravessámos para a margem esquerda, por onde navegámos até á barra do igarapé Umariary. Ahi passámos a noite, de fogos abafados, para podermos saír de madrugada.

No dia seguinte, 6 de setembro, saímos muito cedo. Fômos vencendo com difficuldade as corredeiras que iam encontrando. A's 7 horas e 30 minutos da manhã, passámos defronte da cachoeira de Carangueijo. A's 9 horas, enfrentámos com a bocca do grande Uaupéz, o maior affluente do Rio Negro, considerado o seu celleiro, porque o habitam tribus numerosas de indios tucanos, tarianos, cubeos, omáguas e outros, que são industriosos e trabalhadores.

Estava superada a zona encachoeirada do Rio Negro, sem um desastre a lamentar. No dia 9, pouco depois de amanhecer, chegámos a Marabitanas com a lancha embandeirada e apitando, levando a reboque algumas canôas cheias dos indios que nos ajudaram com tão bôa vontade e pericia, sacrificando, a cada instante, as vidas nas aguas revoltas e profundas do rio.

O chefe e os companheiros receberam-nos com mostras evidentes de satisfacção. Eu estava contente por ter prestado mais um serviço ao meu paiz.

Dentro de poucos dias, a lancha sulcava as aguas de Venezuela, deixando atraz o cerro de Cucuhy, todo escalvado e de granito, em cuja falda morou um afamado *tuichava* do mesmo nome, que muito se assemelhava ao grande rei Salomão, não pela sabedoria ou magnificencia, mas pelo excessivo pendor para a polygamia.

Era nessa epocha, como ainda hoje é, um ponto notavel da nossa fronteira com Venezuela. No Cucuhy, estava o vertice do angulo formado pela linha que partia da cabeceira do rio Macacuny e da que seguia para léste até á cachoeira de Húa no Matracá.

Depois do laudo arbitral da Hespanha em favor da Columbia, deixou Venezuela de ser nossa lindeira a oeste do Rio Negro.

O nosso posto militar de Cucuhy estava pessimamente situado na margem direita, abaixo da ilha de São José. O destacamento compunha-se de uma duzia de praças, commandadas por um official, que se occupava quasi nada da disciplina e muito do seu ne-

gocio. Assistimos envergonhados scenas humilhantes, que provocaram a reprovação geral dos membros da comissão e um officio do nosso chefe ao commandante das armas da provincia, pedindo o castigo daquelle official. O Governo mandava pagar ás praças de pret a etapa em dinheiro, em um lugar onde nada havia para comprar. Dahi resultou que o commandante se fez foruecedor e armou uma venda em sua propria casa, onde elle proprio vendia, por preços fabulosos, pedaços de toucinho, rodellas de fumo de corda e martellinhos de cachaça, provocando reclamações dos soldados, que achavam sempre as coisas malpezadas e mal medidas.

Saí desgostoso com tanto aviltamento da nossa nobilissima profissão e ficou explicado o facto singular que sempre me excitou a curiosidade, dos empenhos para commando desses destacamentos em logares tão desertos, sem recursos, longinquos e insalubres.

Dois dias depois de deixarmos a fronteira, chegámos á povoação de São Carlos, decorada com o pomposo titulo de cidade, quando não passava de umas duas duzias de casas, com tectos de palha e uma alfandega, que estava quasi sempre vazia. Os povoados venezuelanos do Rio Negro são melhores do que os nossos. As casas são branqueadas com tabatinga. As ruas limpas. Quando o capitão, que é um indio, está no *canôco* (sitio), é substituído pelo tenente, que é indio tambem. Nenhuma deixa de ter a «casa real», onde são hospedados os forasteiros e cuja mobilia consta de uns dois bancos de páu e um grande e pezado tronco para os delinquentes.

Em S. Carlos, fomos recebidos com toda distincção pelas auctoridades, e approuve-nos immenso conversar com gente civilisada, da qual viviamos, havia muito mezes, afastados.

Mais tarde, a lancha subiu até Marã, onde esteve muito tempo fundada.

Até alli ha apenas algumas cachoeiras, que ella, já habituada, transpoz sem novidade.

Lembrei-me de pedir ao meu novo chefe para leval-a pelo Canal Cassiquiare, que eu já havia navegado em canôa, até á sua origem no Orenoco e descer este rio até á sua fôz no oceano.

O Cassiquiare tem algumas cachoeiras, mas menos perigosas do que as de Camanáu, Furnas, Cunecú e Fortaleza.

No Orenoco, os unicos obstaculos são os caudaes de Atures e Maypures, acima de Ciudad Bolivar, onde passam descarregados as *curiaras* e *piraguas*, (canôas e batelões).

A *Araujo* descel-os-fa certamente.

Além de curiosa, seria uma excursão altamente interessante e util para aquella opulentissima região, cujas solidões parecem fechadas á civilisação.

Faça-a outro, já que eu não pude fazel-a.

Entre pela bocca do Amazonas, suba-o, entre pelo Rio Negro e vá até á fôz do Canal Cassiquiare, remonte-o até á sua origem no Orenoco e desça por este rio immenso até ao oceano.

Dará assim uma volta a vapor em torno da grande ilha da Guyanna.

Não é impossivel, porquanto a parte mais perigosa da longa travessia já foi feita pela lancha *Araujo*, toda de ferro, cheia de defeitos e calando muito.

DIONYSIO CERQUEIRA.

## ARMADA NACIONAL

*Os machinistas — Ignorancia e má vontade. — A rotina — A indagação das causas da ruina do nosso material naval. — A divisão branca, a sua viagem ao Prata. — Os seus tristes fiascos. — A divisão do norte. — O confronto da sua marcha com a dos navios mercantes—Factos e mais factos.*

Do pessoal que mais, e directamente, interessa ao valor da nossa esquadra, falta-nos apenas estudar o quadro de machinistas, e, analyzando-o, chegaremos a resultado, pelo menos tão triste quanto o fornecido por todos os outros. Não precisaremos mais, para provar tal asserção, do que fazer saber que todos os navios da armada estão longe de poder alcançar as velocidades primitivas, e quasi todos estão constantemente com as machinas a pedir concertos.

Não pôde ser a idade dos navios a causa de tal facto, porquanto isso se dá não só com os antigos como com os mais modernos dos vasos da nossa esquadra; demais, paquetes das companhias nacionaes de navegação, alguns de idade incomparavelmente maior do que o geral dos navios brasileiros, e tendo estado sempre em serviço, conservam, apenas com inapreciavel differença, as velocidades primitivas, e, salvo casos excepçoes, só depois de 16, 12 e mais annos de serviço effectivo, suas machinas requerem reparos.

Não se pôde ainda attribuir a má qualidade das caldeiras e machinas a

causa da quêda de velocidade de todos os nossos navios e dos estragos constantes nas mesmas machinas ou caldeiras, porquanto si em alguns vasos são essas de modelos abandonados ou condemnados, em outros, ellas são excellentes.

As causas principaes do má estado das machinas e consequente diminuição do valor de todos os nossos navios, são incontestavelmente a ignorancia e a má vontade da maioria dos nossos machinistas; as excepções não são muitas, e ainda aqui, quanto á ignorancia, ellas se tornam menos escasas á proporção que descemos na escala. Quanto á má vontade, as excepções são rarissimas. Como causa ainda importante, junte-se a desidia das administrações fechando ouvidos a avisos e reclamações justas e consideraveis; como causa secundaria, pelo numero de vasos em que se patenteia, a má qualidade das machinas.

A ignorancia que apontamos é aqui, como no quadro de officiaes da armada, até certo ponto desculpavel.

Não foi nesse ramo de conhecimentos, que os progressos que assignálamos já, por vezes, se fizeram sentir com menos intensidade, e ao desenvolvimento dos melhoramentos, não correspondeu um progresso necessario no estudo das machinas. A organização do ensino na Escola de Machinistas é lamentavelmente deficiente e viciosa, e, terminado o curso escolar, a pratica que os machinistas encontram é tambem pouca e não lhes permite quasi estudo, porquanto, logo que entram a bordo de um navio, são já profissionaes, sem terem nunca feito embarque de aprendizagem. As caldeiras mais modernas, os mais aperfeiçoados e complicados mecanismos cáem-lhe, sem prévio estudo, sob as mãos inhabeis, e esses que véem da escola teem a bordo, pois, necessidade de mestres e não os encontram, porque tambem aos machinistas mais antigos, são praticamente desconhecidos quasi todos os melhoramentos. Junte-se ainda a escassez relativa de officiaes-machinistas, até certa epocha, e a consequente necessidade de, em curto lapso de tempo, passarem por muitos navios, sem poderem assim estudar os aperfeiçoamentos nos vasos em que esses aperfeiçoamentos fôram

introduzidos, e comprehender-se-á bem a ignorancia que apontamos.

O serviço dos officiaes machinistas é não só muito penoso, como o mais penoso dos serviços de bordo. E' necessaria uma muito nitida comprehensão do cumprimento do dever, para que todos a elle concorram espontaneamente; tal comprehensão, por tudo quanto temos dito sobre a armada brasileira, é quasi uma utopia. Seria, pois, imprescindível, para que por todos os machinistas fôsse o serviço de machinas feito com egual esforço, já que não com bôa vontade e competencia, uma disciplina forte e bem comprehendida: essa é tambem quasi uma utopia; raramente, os machinistas-chefes e os mais antigos em relação aos mais modernos, dispõem de força moral; nem ao menos a falsa, a ridicula disciplina que geralmente os nossos commandantes implantam a bordo, os machinistas mantêm entre si, e essa mesma disciplina deixa de existir entre estes e o commandante do navio, quando se passa ao terreno tecnico porque o ultimo, em geral, é vergonhosamente ignorante a respeito de machinas, e teme até os machinistas.

Assim a má vontade destes expande-se livremente; as machinas são quasi abandonadas; só o que está exposto ao primeiro golpe de vista, vive limpo e brunido, isto é, apparentemente bem conservado.

Ainda agóra apresentaremos factos, que falam mais alto do que as nossas considerações.

A divisão branca, que em 1900 levou ao Prata o presidente Campos Salles, compunha-se do *Riachuelo*, *Barroso* e *Tamoyo*, navios cuidadosamente aprestados para aquella viagem; entretanto, a divisão chegou a Buenos Aires com um dia de viagem além dos previstos, e, em viagem de regresso, o *Riachuelo*, a despeito duma experiencia em que realizára 16 milhas de marcha, por momentos não conseguiu andamento superior a 8 milhas! O *Tamoyo*, que chegára da Europa no anno anterior, e que em suas experiencias tinha alcançado 22 knots, teve, por vezes, de parar quasi, deitando apenas 3 de velocidade!

Nessa viagem, de regresso, verificando que a divisão não alcançaria o Rio sinão um dia depois da data pre-

vista, destacou-se esse mesmo *Tamoyo* para dar de Santos o aviso dessa demora. Pois bem: o *Riachuelo* e o *Barroso* chegaram ao Rio com as 24 horas de atrazo e o modernissimo *Tamoyo* ainda não havia chegado a Santos—a tempo de dar a noticia desse atrazo!

Em 1903, navios julgados promptos constituiram a «Divisão Naval do Norte», que, em caso de guerra imminente, partiram do Rio para defender as aguas do Amazonas. (!) Apesar disso, apesar da urgencia que a situação comportava, a divisão gastou do Rio de Janeiro a *Manãos*, —é incrível, senhores!—mais tempo do que leva um paquete do Lloyd Brasileiro a fazer a viagem redonda entre esses mesmos portos, com escalas por todos os intermediarios! Occasiões houve em que a divisão não andou mais de duas milhas, e fôram numerosas as arribadas, devidas, exclusivamente, a avarias nas machinas!

O *Carlos Gomes*, antigo *Itaipú*, andava no tempo em que pertenceu á casa Lage & Irmãos, de 13 a 14 milhas. Menos de dois annos depois de vendido ao Governo, tinha como velocidade maxima 8 milhas!

\*\*\*

Muitos são os casos de caldeiras queimadas, ou devido a depositos ou a falta de alimentação; entre todos, sobresae o do *Republica* em 1902; responsabilizou-se um dos machinistas; este foi, em ultima instancia, absolvido, e foi outro, reconhecido no correr do processo como responsavel, mandado submeter a conselho de guerra; foi depois tambem absolvido.

Resultado esperado: não houve responsaveis pelo desastre.

O *Andrada* teve, em tres annos de serviço na marinha de guerra, a sua velocidade diminuida de 14 para 9 milhas. Viudo em 1903 do Pará para Pernambuco, teve alguns bronzes da machina tão aquecidos que chegaram a fundir-se!! O machinista de quarto, dizem, cejava na occasião; as auctoridades de bordo tiveram conhecimento de tal facto, e silenciaram. Nessa mesma travessia, o navio arribou ao Rio Grande do Norte, por falta de carvão, apesar de se terem municiado as carvoeiras no Pará, e ficarem abarrotadas, o que permite ao navio, em más condições, raio de acção superior

a 1.500 milhas. (A viagem de Belém a Recife, é de cerca de 1.000).

Na ultima refôrma que soffreu, o *Benjamin Coustant* foi dotado com uma camara frigorifica; ao cabo de pouco tempo, tornou-se completamente imprestavel.

O *Deodoro* e o *Floriano* receberam em 1902 motores a petroleo para a illuminação electrica; num, o primeiro, o motor quebrou-se por tres ou quatro vezes, até ser julgado inutil; no outro, devido a receio das auctoridades de bordo, o motor cousevrou-se perfeito, mas o petroleo era constantemente misturado com agua no deposito, conforme se verificou em um inquerito havido a bordo. Entretanto, quer em um quer em outro navio, os motores funcionam admiravelmente sob a direcção de um empregado da casa que os installou.

Estupendo!

\*\*\*

Factos como esses existem aos centenaes; surgem a cada viagem; os que citámos, dentre os que mais facilmente nos acodem, bastam, todavia, para provar que, ainda agóra, não phantasiámos.

Não phantasiámos, não phantasiaremos jámais, por honra da verdade tão á luz e tão espancada pelos patriotas do orçamento. Havemos de, nestas columnas, contar a verdade, custe o que custar, e emquanto os *Annaes* se mantiverem á altura do seu admiravel programma.

Porque—devo dizer agóra—o que nos faltava era uma revista sem os covardes preconceitos, uma revista que, como esta, recebesse todas as opiniões sinceras e fiscalisadoras.

TOMELERO.

## APANHADOS

*Uma accusação ao Sol* Um medico americano, o sr. Woodruff, encetou uma campanha contra o Sol, accusando-se de maldades que se pronunciam ainda mais quando elle aquece os individuos ou as raças de tez mais clara e de pelle menos pigmentada. Segundo elle diz, só os negros pódem viver impunemente ao Sol; as raças claras, principalmente as louras, devem fugir do astro-rei e morar nos paizes do norte da Europa, onde elle se apresenta mais fraco e pouco peri-

goso. Os seus raios chimicos irritam a pelle e essa irritação pôde occasionar a proliferação cellular anormal, que é um dos caracteres do cancro.

O sr. Woodruff cita, para corroborar a sua maneira de pensar, a raridade relativa do cancro na Algeria e na Tunisia, onde a população tem a pelle um pouco escura. Pôde-se, porém, fazer observar ao medico *yankee* que o cancro não ataca sómente as partes do corpo que recebem mais immediatamente o calor do Sol. Ainda assim, o sr. Woodruff insiste muito sobre o facto e pede a todos os brancos que se retirem dos tropicos; essas regiões devem ser abandonadas aos negros ou, pelo menos, ás outras raças de pelle mais escura.

O norte para os brancos, o sul para os morenos, os negros, os amarellos e vermelhos—tal é a estranha conclusão do professor *yankee*.

\* \*

*A doença dos cães* Ha alguns annos, os sabios impacientes tinham preconizado a vaccinação como o melhor dos meios, pelo menos o mais certo, de preservar os cães da hydrophobia. As numerosas applicações do novo processo não deram resultado e o problema ainda não ficou resolvido. O sr. H. Carré continúa a estudal-o com o methodo imposto pelo verdadeiro sentido da critica scientifica e acaba de communicar á Academia de Sciencias, de Paris, os resultados das suas ultimas observações. Elle isolou uma cadella em rigorosas condições de asepsia; os cãesinhos tendo sido garantidos de qualquer infecção exterior, receberam, pelas vias digestivas, a mucosidade dum cachorro doente. Uns morreram rapidamente, sem deixar nenhum signal de affecção secundaria; outros resistiram mas ficaram com lesões diversas. Parece, pois, provado que a doença dos cães é devida a um *virus* especial que izola o animal de outros microbios e que é o unico e caracteristico principio da hydrophobia. E' um caso bem importante, e o sr. Carré, fixado na orientação das suas pesquisas, parece que em breve achará o meio de prevenir a acção do *virus* que mata tantos caçorros.

\* \*

*Um meio de evitar o enjoo* Um allemão, o sr. Robert Otto, descobriu um meio de combater o enjoo. Já o tem posto em pratica, com successo, no *Patricia* e em outros navios allemães.

A invenção consiste numa cadeira de balanço animada dum duplo movimento de trepidação horizontal e vertical, occasionado por um pequeno motor collocado entre os pés da cá-

deira. Teem-se nessa cadeira as mesmas sensações que se experimentam num automovel que corre com toda a velocidade, e a theoria é que as pequenas vibrações rapidas do balanço levam para longe as grandes ondulações do navio e as tornam minusculas, pelo menos aos olhos da pessoa que está sentada na cadeira, e os effeitos dessas ondulações sobre o organismo são nullos. No *Patricia*, entre Hamburgo e Nova York, diversos passageiros indispostos verificaram que, tomando logar na cadeira vibratoria, ficaram, uns depois dos outros, completamente curados. E, coisa curiosa, basta ficar sentado uma vez na interessante cadeira para se fazer uma longa travessia sem se sentir enjoado; é, pelo menos, o que se observou na maioria dos casos.

\* \*

*Um peixe curioso* O capitão Harding, voltando de Cacutta, pescou um peixe interessantissimo, um verdadeiro papagaio do mar. Está exposto, actualmente, em Londres, e mede 40 centimetros de comprimento e 60 centimetros de circumferencia. Esse peixe, de fórmula bizarra, coberto de pequenas barbatanas duras e pontudas, pertence ao genero *labro*, notavel, em geral, pelas suas côres vivas e brilliantes.

\* \*

*Um livro de critica* O critico de arte, o sr. William Ritter, publicou, editado pelo *Mercure de France*, os *Estudos de arte estrangeira*. Ahi, elle reuniu diversos artigos, muito interessantes, em que critica a litteratura, a musica e a pintura. Encontra-se tambem paginas curiosas consagradas á identificação e á fusão das artes.

O sr. Ritter, no seu novo livro, elogia, um tanto enthusiasmicamente, o grande symphonista viennense Gustavo Mahler.

\* \*

*O cabelo, indicador da saúde* Um medico japonéz, sabendo que as doenças exercem uma influencia notavel e bem conhecida sobre o crescimento das unhas, tanto no comprimento como na espessura, pergunta si os cabellos não seriam tambem atacados pelas molestias. O resultado das suas investigações é que toda molestia geral diminúe o diametro dos cabellos. A camada medullar pôde mesmo faltar e o envolucro periphérico desaparecer tambem. A influencia das molestias é, todavia, mais accentuada nos individuos que teem o cabelo grosso, espesso. Nesse caso, é facil, pela simples inspecção dos fios capillares, saber si a pessoa que os

possúe, passou, recentemente, por alguma grande molestia geral. O cabelo é enfraquecido numa parte do seu comprimento, e essa parte mais tenue é proporcionada á duração da doença. Pôde-se dizer, assim, si a molestia foi demorada ou curta.

E' um facto que pôde ter importancia, por exemplo, numa questão de identificação. No ponto de vista biologico, é muito interessante accentuar que o cabelo se modifica como as unhas.

\* \*

*O dr. Laponi e o spiritismo* A sciencia, o catholicismo e o spiritismo parece conciliarem-se de um modo inesperado ante o procedimento do medico de Pio X. O dr. Laponi acaba de publicar um livro onde uma quantidade de *factos* spiritas, perfeitamente comprovados e apresentados com uma copiosa documentação, deixa concluido que se pôde ser catholico, sincero e dedicado, e, ao mesmo tempo, praticar o spiritismo.

«Porque, escreve o dr. Laponi, no mundo supra-sensível, os seres não poderão ter — e o teem realmente — affeições e desejos voltados para o mundo inferior que os acolhe e onde deixam pessoas e coisas que lhes são caras?»

\* \*

*O caso de Fogazzaro* Ha um caso bastante curioso de liberdade de consciencia: é o que apresentam, agóra, as chronicas empenhadas na attitude guardada por Fogazzaro deante da censura theologica do seu ultimo trabalho, *Il Santo*.

Sabe-se que Fogazzaro se curvou ante a reprovação solemne que lhe foi imposta pelo soberano pontifice, e declarou que seu espirito catholico não lhe permite a liberdade de discutir uma ordem vinda de tão alto.

Sendo Fogazzaro membro influente do Conselho Superior de Instrução Publica, na Italia, varios universitarios protestaram perante o governo, dizendo que não podia dirigir a instrução de um Estado livre, um homem que mostrára tão pouca altivez deante da condemnação de suas proprias opiniões, expressas nas suas obras.

Fogazzaro defendeu-se, allegando que procedia como seu heróe — *Il Santo* — teria feito em identicas condições. Apenas um dos universitarios fôra favoravel ao romancista, appellando para o principio de que cada qual é livre nos actos de sua consciencia.

Vendem-se collecções dos «Annaes», ricamente encadernadas, do primeiro trimestre de 1904, primeiro e segundo semestres de 1905 e primeiro trimestre de 1906.

## UM POEMA DE BYRON

VERSÃO DO SR. PARANAPIACABA

Dos poetas modernos, aquelle de quem os criticos e artistas, philosophos e litteratos teem mais falado; uns com crueza, outros com enthusiasmo; todos, porém, admirando-lhe as magnificencias da poesia, as bellezas das imagens, os primores da versificação, a sublimidade da inspiração, as opulencias das idéas, as purpuras da linguagem, as torrentes da harmonia e a supremacia do genio é lord Byron.

Elle derramou na alma do seculo XIX os fulgores e os horrores da consciencia humana e uma alluvião de emoções, que nunca havia sentido.

Enquanto os outros poetas do seu tempo, quasi iam sendo esquecidos, dormindo em gloriosos tumulos, envoltos pelo silencio da solidão, o cantor do *Corsario* passa por prodigiosas e continuas transformações. O tumulo não é para elle o *nada*; é, pelo contrario, a perennidade da vida, a renovação da gloria.

Nesse Thabor de sua grandeza, ressurge redivivo, e cada vez mais grandioso.

Nas litteraturas dos povos cultos, os poemas de Byron reaparecem, e nessa resurreição continua, operam-se como que os milagres da natureza divina do seu genio.

A universalidade de suas creações está mostrando que o espirito do auctor de *Giaur* e *Parisina* é o mais vasto e o mais comprehensivo de todos os soberanos da lyra.

Nem Homero ou Eschylo, nem Dante ou Shakspeare, nem Goethe ou Lamartine, nem Victor Hugo ou Schiller sabem, como Byron, vibrar os sentimentos nas reconditas fibras dos corações.

Todos o entendem, o escutam, o amam e admiram, o detestam e o adoram. Os scepticos, mirrados pela indifferença; o athen, em seus desvarios; os desgraçados, sem qualquer esperanza; os felizes, para os quaes a vida é uma prolongada alegria; todos acham nas poesias de Byron a expressão das tenebrosas cogitações do seu espirito, ou a voz seductora que os delicia... O genio deste poeta é, devéras, omnipotente, porque couhece o segredo das multiplas paixões da especie humana.

Não admira, pois, que as obras do lord inglez sejam traduzidas nas litteraturas dos paizes civilisados. Elle é como que um poeta nacional; não é dessa nacionalidade que se encerra dentro de fronteiras estreitas e acanhadas, mas da do espirito, que confraterniza com homens de diversas raças e regiões. E' a nacionalidade vasta, immensa, como o pensamento:

Não ha uma nação, onde as lettras tenham cultores, que deixe de ler *Manfredo* ou *Mazeppa*, *Giaur* ou *Child-Harold*, o *Corsario* e *D. Juan*.

As litteraturas recolhem taes obrao como gemmas preciosas, caídas de diadema do soberano de deliciosos e divinos carmes.

Por toda parte os versos de Byron acham interpretes, quer em poetas, quer em prosadores. Em França, por exemplo, suas obras fôram traduzidas por diversos escriptores, como Benjamin Laroche, Paulin Paris e A. Pichot. O eminente critico Villemain escreveu a respeito dellas um estudo profundo, que relembra as eloquentes e fulgorosas lições do professor da velha Sorbonne.

Na lingua de Camões, as obras completas do bardo inglez não teem sido traduzidas. Existem, porém, muitas versões parciaes, que demonstram ter o cantor do *Corsario* merecido o culto dos próceres da litteratura portugueza.

No Brazil, o cantor de *Giaur* fez escola; alguns dos nossos poetas alimentaram-se de sua seiva, viveram de sua inspiração, mórmente no periodo do seculo XIX em que o romantismo foi a theoria litteraria dominante. Era natural. O sopro do genio byroniano inflammava os cerebros, e a litteratura franceza, que, em geral, a portugueza e a brazileira imitam, exprimia as emoções e as idéas do vate anglicano. Nas estrophes de Musset e nos volumes dos romancistas, nas creações estheticas dos artistas, sentiam-se os pensamentos, as concepções, as imagens e colorido da inspiração que vinha das bandas da Ecoscia.

Será um dom peculiar de Byron reviver não só nas diversas litteraturas mesmo em diferentes seculos? Vimol-o colher os saudações ruidosas do seculo passado, e já no começo do actual o filho de Douvres recebe videntes palmas da glorificação, como os herões antigos sobre o carro triumphal.

\* \*

Entre nós, um poeta de elevadissimo talento faz, em primorosas traducções, resurgir o bardo inglez.

E' auctor dessa nova resurreição o barão de Paranapiacaba.

Já verten para a lingua de Bocage e de Garrett, os poemas *Giaur*, *Parisina* e *Mazeppa* e, nestes dias, acaba de publicar a versão do *Corsario*. Em menos de dois annos, a intelligencia do projecto litterato brazileiro provou as energias viris de que é dotado, e tanto mais é admiravel a espontaneidade da producção, quanto se considera a difficuldade de dar aos poemas originaes, em cada uma destas versões, a

mesma estrutura da metrificacão, egual colorido, cáldo e brilhante; reproduzir as graças, os lavores, as harmonias e bellezas, creadas pela pujante inspiração do bardo inglez.

Si lhe fôsse dado rever-se nos versos dũciloquos ou vehementes do traductor brazileiro, certo applaudiria jubiloso a propria obra.

Penetrar nas profundezas da alma dum poeta, como o cantor de *Child-Harold*, não é tarefa para simples verzejador, nem para grammaticos rubugentos, que só attentam na correcção da phrase e da syntaxe.

E' mistér que o traductor seja inspirado e sinta em si o *Deus in nobis agitante calecimus illo*. Eis ahi porque o traductor brazileiro faz praça da fecundidade do seu talento. Elle não rasteja apenas de longe os surtos flumineos do vate original; tenta, audacioso Icaro, e remonta-se á mesma esphera semeada do lume vivo das estrellas.

Ha entre o auctor original e o traductor certas affinidades indispensaveis; do contrario, a alma dum não sentiria da mesma sorte, nem comprehenderia as emoções dolorosas, as ledices voluptuosas, as idéas flammigeras e os sentimentos de suprema e profunda agonia do monge *Giaur*, errante através das sombrias e solitarias arcadas do claustro.

Byron pôde exprimir nos versos o que *Child-Harold* ou *Giaur*, *Manfredo* ou *Corsario* sentiam ou pensavam, porque os personagens ou herões dos poemas são feitos á sua imagem e semelhança.

Essa identificação do auctor dos poemas e dos herões produziu estrondoso escandalo na sociedade ingleza.

O traductor, porém, que não se representa a si — por que maravilha de talento, por que intuição luminosa vê, sente, da mesma fórma que o creador do poema original?

A critica, ambiciosa de tudo saber explicar, que pretendesse devassar os reconditos dessas almas impiradas, correria o risco de abraçar a *nuvem por funo*.

Mas ha outra afinidade, que pôde ser explicada: é a parte material da obra em que a mão potente e amestrada do artista encarnou o idéal que lhe irradiava na mente; creou os prodigios que fazem o esplendor das artes e orgulho do pensamento humano.

Não se penetrará na alma de Miguel Angelo, mas todos comprehendem e admiram os traços do seu pincel ou os rasgos do ciuzel; um, que pintou o *Fuizo final*; outro, que rasgou e esculpiu no marmore o *Christo abraçando a cruz* ou a estatua de *Bacchus*, que Raphael attribuiu a Phidias

por causa da extrema perfeição (1) que enganou o pintor de Urbino.

Ora, nos poetas, essa parte material, por assim dizer, palpavel, visivel, é a metrificacão. Aqui os dois poetas rivalizam, medem-se e egualam-se.

E' assumpto um pouco dubio o comparar duas versificacões de idiomas differentes, como do inglez e portuguez, cuja vibraçãõ não é a mesma. Todavia, não ha abi quem, sem ser latino, não sinta a harmonia da *Eneida* e não raconheça que o vate mantuano é o mais dulcisono metrificador da lingua que falaram Cicero e Tacito; que o seu verso melodioso, como o sussurro dos beijos de ardorosos amores, ou melancolico e meigo, qual o *doce amargo pungir da saudade*, — não se compara com a metrificacão duramente correctã de Horacio, nem com a tumida pompa dos versos da *Pharsalia*.

O poeta inglez e o traductor brasileiro, ambos são admiraveis versificadores. Como fazer ouvidos affeitos á suavidade da lingua, que diz «*Si e doce no recente ameno estio*», sentir egual suavidade noutra lingua differente; por exemplo, uestes versos de Pope:

«*Regard not then if wit be old or new,  
But blame the false and value still the true*»;

ou nestes do *lakista* Coleridge:

«*To meet, to know, to love, and then to part,  
Is the sad tale of many human hearte*!»;

finalmente, nos do proprio Byron:

«*There is society, where none entrudes,  
By the deepe sea, and music in its roar.*»

Ora, si não é facil comparar a primorosa metrificacão do auctor e do traductor, todavia uos é dado dizer como na litteratura ingleza é apreciada a versificacão do cautor do *Corsario* e de *Parisina*. Assim, é indispensavel recorrer aos juizes competentes. Um critico affirma: «não foi o menor dos poderes de Byron a sua primorosa metrificacão. E' verdade que o *novo* em suas poesias não era sómente a estructura dos versos, era a propria poesia. Depois de Pope e Dryden, a Inglaterra havia possuido mais dum habil escriptor em versos; não tinha tido, porém, um grande poeta. A historia da poesia ingleza mostra hoje uma successão de poemas descriptivos ou didacticos, que falam sómente á razão e o mais das vezes á razão do lar domestico. A sensibilidade em taes versos é uma apparencia fugaz, *um tom da moda*, antes do que o sentir, que revolve o coração pela tristeza das coisas humanas. Estes poetas consideravam como poetico tudo que se diz natural e como natural tudo que passava como tal na temporada em que viviam.

.....

Após elles, outros amenos auctores reduziram a poesia a *um jogo de espirito*, excepto Crabbe — que pintou o homem sob os andrajos, na cabana, onde a miseria engendra paixões e dôres desconhecidas. (2) Era essa a decadencia da poesia quando, em 1812, appareceram os dois cantos de *Childe-Harold*, os quaes revelaram á Inglaterra que ella tinha um magnifico poeta. A Inglaterra, no momento de fazer um supremo esforço contra Napoleão, de roldão voltou-se para escutar os versos dum mancebo desdenhador, que, uestes versos vehementes ou encantadores, zombava de tudo que ella respeitava e amava. Os espiritos eram simultaneamente provocados pelo soberbo desdém por tudo que consideravam maxima nacional, seduzidos pelo encanto de tanta força e grandeza entre o fulgor e a profundidade em um prosador tão jovem, que ostentava a liberdade de falar, de criticar e de zombar de tudo sem embaraçar-se com as conveniencias e attentões do *meio social*.

Eis ali como a propria critica julgava Byron — magnifico versificador da escola de Pope e de Dryden e poeta de sublime inspiracão no meio duma turba de didacticos, descriptivos e *lakistas*, como Wordsworth, Southey, Coleridge, etc.

Este magnifico trovador encontrou no traductor brasileiro espirito que o entende e um mestre consummado na metrificacão. Tomemos alguns topicos da versão do *Corsario* para pôr em evidencia a superioridade com que elle interpetra e exprime as profundas emoções do genio inglez.

O *Corsario* é uma figura imponente, em que o lord da Camara dos Pares se disfarça. O *Corsario* váe partir em seu navio para uma longinqua e arriscada empreza. Byron põe-no em scena: vejamol-o na traducçãõ.

## I

«Ledas ondas abrindo em mar de azul som-brio,  
Sem raia ao pensamento, as soltas o alve-drio,  
Nosso intermino imperio e patria é toda a plaga  
Em que sussurra a brisa e atira espuma a vaga.  
Recebe, qual um sceptro, o nosso pavilhão,  
Onde arvorado fôr, signaes de submissãõ  
Passamos, nesta rude e turbulenta vida,  
De trabalho ao repouso e deste á nova lida;  
Mas sempre com prazer. Tal emoçãõ, ao vivo,

Quem a pôde pintar? Não tu, ó vil captivo  
Dos gozos sensuaes. Teu animo enervado  
Desmaiára ao váe-vem do mar encapellado.  
Não tu, vaidoso *lord*, que os teus inuteis dias  
Esbanjando em moleza e lubricas orgias,  
Não achas attractivo em fruições da terra,  
E a quem tranquillo somno as palpebras não cerra.

Quem, salvo o que sentiu intenso aquelle gozo

E sobre os escarcéos dansou, victorioso,  
Logrará descrever o jubilo exultante,  
Levando as pulsações ardor febricitante  
Do audaz explorador que em vasta azul pla-

nicie,  
Onde ficar não pôde um rastro a superficie,  
Só por luctar, almeja o embate do inimigo,  
E tem por mór deleite o que se diz perigo?  
Procurando o que o fraco evita, diligente,  
Vendo este desmaiar—nos seios d'alma sente  
Renascer a esperança em todo poderio  
E mais forte inflamar-se o nobre, innato

brio.  
Nem nos infunde horror a tua foice, ó Morte,  
Uma vez que tambem decime a hostil co-

liorte.  
Menos peza a inacçãõ, que o féro golpe traz  
Do que o ocio obrigado e a constangida paz.  
Que importa! Venha a morte quando lhe

aprouver!  
E emquanto não chegar, permitta-nos, si-  
quer,  
Que exgotemos da vida a essencia em taças

d'ouro;  
Pois tanto val morrer no leito, ou dum pe-

louro.  
Já na decrepidez, da vida aguarde o termo,  
Prezo ao catre da dôr, gemendo, o pobre en-

fermo.  
Num ambiente impuro, a definhar, padeça  
Abanando a pezada e languida cabeça.

Fresca relva nos dá pousada em seu regaço,  
Não do leito febril e triste, angusto espaço,  
Se no lento offegar duma agonia infausta  
Sólta, penosamente, aquelle uma alma ex-

hausta.  
A nossa, dum arranco e num fugaz relance,  
Sem custo e livre, attinge o derradeiro transe.  
Pôde vangloriar ter, depois que dorme ex-

incto,  
Da urna e estreito vão, que o cerram no re-  
cinto.  
O que a vida execrou dourar-lhe pôde a

lousa.  
Si da labuta, alfim, algum de nós repousa  
No oceano, que lhe dá mortalha e extremo

leito.  
Pagam-lhe seus irmãos sincero e grato preito  
Não farto, mas leal, de lagrimas sentidas,  
— A mais doce expressãõ das ternas despe-

didãõs —  
Exprimindo a saudade em libaçãõ festiva,  
Por elle em rubra taça um brinde ergue o

conviva.  
Resumido epitaphio a nossa gloria narra  
Quando aos sons triumphaes da marcial

fanfarra,  
Os que a morte poupou, ao repartir da prêza  
Turva a fronte, á pressãõ da idéa, que lhes

pêza,  
Dizem:—«Quem hoje vira o jubilo ineffavel  
Dos bravos, que ha ceifado a Parca inexo-

## II

Taes as notas, que vem da Ilha do Pirata  
Onde, ao pé da atalaia, um guarda a vóz  
desata.  
Essa rude harmonia ameiga inculto ouvido,  
E das rochas accorda o echo adormecido.»

Segue o canto; nós ficamos neste ponto. Transcrevendo estes versos, unicamente ciframos o nosso proposito em dar aos leitores uma amostra

da abundancia da riqueza da versificação do traductor brasileiro.

Poucos poetas ousariam emprender a traducção dum poema no metro que, com tanto gosto, elegancia e harmonia, empregou o traductor do *Corsario*. A opulencia das rimas, nas quaes não se sente sequer ligeiro esforço, como que borbulha espontanea da pluma que não amestrada meneia sob a inspiração do momento. O traductor não precisa fazer provisões dos *malditos consoantes, que obrigam até a serem brancas as formigas*, segundo se lamentava o notavel e erudito classico portuguez. As rimas do traductor do *Corsario* e de *Parisina* são produzidas pelas emoções que lhe agitam a mente.

O lavor do metro rico, acabado em perfeição, cadencioso, ou vehemente e fulgurante, é um dom que o barão de Paranapiacaba houve, como predilecto das Musas. Mestre da linguagem, o illustre traductor, quando escreve a *pedreste prosa*, é um escriptor que se notabiliza pela fórma dum estylo correcto, nitido e vigoroso; quando se eleva ás regiões das phantasias, sabe exprimir as proprias e as alheias inspiraões em caudal harmoniosa, como, ainda mais uma vez, demonstrou, vertendo os poemas *Giaur*, *Masappa*, *Parisina* e agora o *Corsario*.

Byron tem tido varios traductores, em quasi todas as litteraturas; nenhum foi melhor interprete do bardo — que nasceu em Douvres e falleceu em Missolonghi — do que o barão de Paranapiacaba. Que importa ter tido só em França tres, quando o trabalho de Benjamin Laroche, Pichot, Paulin Paris, até o estudo eloquente e magistral de Villemain, tudo é escripto em prosa? Só as aguias emparelhadas nos vôos ás outras aguias; ras-tejal-as pôde ser o papel dos que vertem em prosa as concepções dos cantores, poderosos pela seducção da voz; admiraveis pelas subitas inspiraões, que ainda sentimos calidas, da flamma do sopro dos labios divinos do *Deus que se agita no espirito* privilegiado...

O auctor brasileiro mediu a grandeza do genio, cujos sentimentos e cujas idéas devia exprimir na linguagem e na pujança de suas forças intellectuaes; interpretando a alma do creador dos poemas, reproduziu-os, bellos e refulgentes, em versos dulcisonos ou da mesma energia.

Os leitores intelligentes e versados neste genero de estudo litterario, attentando nos primeiros versos do I canto do *Corsario*, reconhecerão logo a superioridade da versão, confrontando, por exemplo, os tres primeiros versos:

«Ledas ondas abrindo em mar de azul som-brio,

Sem raia ao pensamento, as soltas ao alvedrio,  
Nosso intermino imperio e patria é toda a  
plaga.»

Os leitores quédam na contemplação dessa immensidade, dessa grandeza que a poderosa intelligencia do bardo inglez concentra num resumido quadro que o brasileiro reproduz da mesma sorte.

Não temos tempo para apreciar certos trechos da versão, confrontando com o original.

As figuras, desenhadas pelo lord da Camara Alta, revivem nas reproduções do poeta brasileiro.

Antes de concluir esta noticia, que não queremos alungar, faremos alguns reparos, deixando de analizar o entrecho, os episodios do poema que o sr. Paranapiacaba tradziu e publicou.

Todos os heróes dos poemas do vate anglicano, *Giaur*, *Conrado*, *Lara*, até *D. Juan* e *Childe-Herold*, exprimem os sentimentos e representam a individualidade do auctor; dahi, o grande escandalo que só seria bem comprehendido, si nos fôsse dado fazer, aqui, uma pintura minuciosa e viva da sociedade ingleza no inicio do seculo XIX até á morte do general e martyr por amor da liberdade da Grecia. Diremos, contudo, que todos esses personagens encarnam em si uma qualidade que as mulheres de todos os paizes apreciam e que, dizem, as inglezas louvam, admiram e exaltam, isto é, a fidelidade no amor... *Childe-Harold*, *Lara*, *Conrado*, até *D. Juan*, a despeito de variados amores, sempre ficaram constantes e dedicados ás mulheres que, primeiro, amaram; no meio de tanta multiplicidade, amaram — só uma vez...

Muitos olhos lindos, azues, ou negros, leram os poemas do mancebo de pé estropeado; em publico, o maldiziam: era a conveniencia social; em particular, o adoravam, segundo refere um notavel critico. Byron, observa outro escriptor, fez a Inglaterra saborear um fructo amargo e foi a causa mais efficiente de sua reputação em bem e em mal.

As mulheres, em segredo, apaixonaram-se pelos heróes creados nos poemas, ou, antes, amavam o character especial que todos tinham — a mescla de bem e do mal, da virtude e do vicio. O que era o bem pertencia ao individuo; era merito seu; o que era o mal, recaía sobre a sociedade; era culpa della.

O tempo passou e ainda não conseguiu rehabilitar lord George Gordon Byron, oriundo dos Stuarts, por parte materna. E porque a sociedade da Loglaterra nunca lhe perdôou?

Dizem que elle atacou as duas principaes mólas de sua vida moral — o patriotismo e a fé — e que os sentimentos delle eram dum pagão e não dum christão.

O poeta, porém, será sempre a gloria da nação, que o admira e maldiz.

Concluiremos, lembrando as seguintes palavras dum francez muito entendido nos factos da litteratura ingleza: «Byron eut de genie, mais une imagination mal réglée. Son vers précis, correct et plein du feu, exprime trop souvent une doute desesperant, une melancholie contagiense et l'admiration du crime. Grande et d'une belle figure, il était né boiteux et ne s'en consola jamais. Sa poésie lui ressemble; elle a une infinité qui lui donne un air maladif. Il manque à sa beauté, pour être parfaite, l'équilibre moral.»

Cabe ao barão de Paranapiacaba a ventura de fazer a resurreição do poeta inglez no nosso seculo, quando ainda não se está fazendo em outras litteraturas de povos cultos.

EUNAPIO DEIRÓ.

(1) Condivi—Vita de Mich—Angelo Buonaroti.

(2) The Village, the Borough, Byron, diz Crabbe, é o primeiro dos poetas vivos e na celebre satyra contra os criticos da Escocia chama-lhe «nature's sternest painter.»

## A NOSSA SITUAÇÃO MILITAR

*Os projectos militares de breve apresentação na Camara dos deputados. — Reducção do numero de marchaes a um só. — Prover por concurso as vagas de generaes de brigada. — Prover por antiguidade as vagas de general de divisão. — Extraordinarios serviços.*

O respeitavel furo de um orgão matutino sobre os projectos de breve apresentação na Camara dos deputados, logo que ella entrar em funcionamento regular, veio revelar o proposito, já infelizmente esperado, de se protelar a passagem da refórma do Exercito.

A sensação geral desse intempetivo e desarrazoado acontecimento foi de tristissimo effeito para os que, com patriotico interesse, labutam, de ha muito, na propaganda sincera, leal e franca em prol do revigoroamento da nossa definhada e archaica — archaica, sobretudo — organização militar.

Collega nosso, justamente sentido, emittiu o seu protesto em artigo entregue a um diario que se tem empe-

ñhado na campanha a favor dessa causa; não tendo, porém, encontrado o acolhimento esperado, por motivos que não importa indagar, recorreu a nós para tornar conhecidas as suas idéas sobre o assumpto. E como se acham ellas concordes com o que pensamos a respeito, vamos passal-as para as paginas desta revista, bem convencidos do seu valor.

Custa-nos crer que, em se tratando de materia tão importante e de oportunidade fóra de toda a duvida, ainda haja espiritos que se abalancem ao ingrato intento de prejudicar a realisação dessa refórma, portadora de reaes beneficios, e quasi ao termo da sua verificação pratica.

Além disso, cumpre attentarem que os beneficios resultantes não se circumscrevem ao simples circulo militar, estendendo-se, como realmente acontece, a toda a nação pela garantia que advem para a sua segurança material.

E é tanto mais temerosa a perspectiva em que nos achamos, quanto mais absurdas são as providencias contidas nos dezeseis artigos publicados no referido jornal, como de capital importancia para a solução do magno problema.

Como justificar a oportunidade da discussão dessas medidas esparsas, muito particularisadas algumas, agóra que se trata de uma remodelação geral, ampla, abrangendo todos os vastos e complexos mecanismos do Exercito:—a formação do seu pessoal, o recrutamento dos seus officiaes, a constituição indispensavel das suas reservas, o seu modo de fraccionamento normal de accordo com as exigencias da arte da guerra, condições geographicas, politicas, sociaes—nas diversas armas e unidades de guerra?

E para melhor fundamento da irrationalidade desses projectos, procedamos a uma rapida analyse dos alludidos artigos, que, pela sua importancia, merecem acolhimento no plano geral da organização.

\* \*

1º.—Reducção do numero de marechaes a um só, provido por general de divisão que tenha serviço de guerra, commandando forças com resultado e proveito para a nação.

Esta primeira questão, com o pom-

so sequito dos requisitos alli exarados serve apenas para a admiração dos, leigos e innocentes; a nós, porém, que não nos podemos illudir tão facilmente, redunda ella em decisão de pessimas consequencias praticas. Constitue um simples arremedo da actual organização frauceza no quadro do seu generalato, que, a tal respeito, é a peor pelos inconvenientes que acarreta.

Sabem aquelles que se dedicam ao estudo dessas questões que os postos do Exercito — do cabo ao sargento, do alferes ao general — não são creações caprichosas ao sabor deste ou daquelle reformador; regula-os a necessidade do fraccionamento da tropa, principalmente a facilidade do commando, dada a impossibilidade de um só homem attender aos complexos e multiplos encargos da direcção de grandes forças armadas sem o indispensavel escalonamento de attribuições e responsabilidades, as quaes, diminuindo ou restringindo a sua generalidade á medida que se desce na escala hierarchica, dão aos chefes a liberdade e segurança para movimentar o conjuncto das forças ás suas ordens.

Ora — esses que estudam sabem tambem que as grandes unidades correspondentes ao commando de generaes são: a *brigada*, a *divisão* e o *corpo de exercito*, cuja reunião fornece o exercito, a maior força que se póde aggrupar sob a direcção de um só homem.

E' de bõa regra — e nada prova o procedimento contrario — que os postos existentes permanentemente estejam em correspondencia com as respectivas unidades constituidas; que cada uma dellas seja dirigida pelo individuo revestido do posto competente.

O nosso quadro de generaes, com as suas tres graduações, está de perfeito accordo com essa necessidade: a brigada, a divisão e o corpo de exercito, respectivamente commandados pelo general de brigada, general de divisão e marechal ou general de corpo.

O commando de uma grande unidade não deve ser dado a official general de igual patente á dos commandantes de unidades subordinadas. As rivalidades, os attrictos e a natural tendencia a não se submeterem os in-

dividuos a outros em eguaes condições de posto — inconvenientes assignalados praticamente nos casos em que isso se dá, affectando sobremodo a disciplina geral e o funcionamento regular de todos os serviços.

Si essas razões militam na organização das unidades inferiores, estabelecendo-se cuidadosamente a gradação hierarchica, de modo que aquelle que commanda é sempre de posto superior aos que obedecem — quaes os motivos plausiveis para justificar um procedimento opposto em se tratando das grandes unidades, e ahi, principalmente, em que, pela categoria dos individuos, pelas suas maiores regalias, muito mais difficil se torna a intervenção da auctoridade suprema para derimir e aplainar as difficuldades e attrictos sobrevindos entre elles; accrescendo que, quanto mais altas pairam as discordias, mais resentido se apresenta o organismo militar, mais perniciosamente se reflectem em todos os escalões a desharmonia e a desordem?

\* \*

2º.—Prover, por concurso, as vagas de generaes de brigada, fixando o numero que cada arma ou serviço deve ter, afim de se evitar que cheguem ao generalato officiaes que nunca commandaram forças.

Não se comprehende bem o que se quer dizer neste artigo, pois não a tinamos com o motivo pelo qual o facto de se prestar um individuo a concurso, implique ter elle commandado forças, nem tão pouco que tal se consiga pela do numero que cada arma ou serviço deve ter.

Esse processo de promoção — theoreticamente perfeito e muito racional — circumscripto aos generaes, não parece dar os resultados praticos desejados. Seria mais natural, a se querer introduzir entre nós um tal principio, começar pelos postos inferiores, notadamente hoje — em que a pratica da guerra precisa ser escrupulosamente attendida desde o alferes ao general.

A selecção, para ser aproveitavel, deve vir de baixo, augmentando-se á medida que se sóbe, porque, assim procedendo, chegaríamos a um quadro de coroneis preparados e capazes, sendo então muito mais efficaz a escolha entre gente já seleccionada.

O contrario é se admittir que os postos até coronel pódem ser occupados por quaesquer, aptos ou não; dando-se o caso, muito admissivel, de se encherem estes de gente incapaz. Os generaes, apezar dos seus concursos, seriam incompetentes, e, como julgadores mais tarde, iriam deixando passar toda a gente do seu jaez.

A verdadeira selecção não se obtém por esse methodo; sirva-nos de exemplo o que se passa nas nações de exercitos regularmente organizados. Ella se dará naturalmente e sem artificiosos processos; os generaes se imporrão á consideração de todos, quando o Exercito entrar no seu verdadeiro regimen de trabalho. Pelo exercicio continuado do commando, pela obrigação de pôr em constante prova as suas qualidades, os generaes se salientarão melhor do que por concursos, denunciando a sua capacidade os mais aptos e annullando-se os incapazes e incompetentes.

\* \* \*

3º—Prover por antiguidade as vagas de generaes de divisão, salvo os casos de serviços extraordinarios em tempo de guerra e de paz.

Essa questão de avaliação de serviços extraordinarios em tempo de guerra é coisa bem praticavel; mas o mesmo não se dá a respeito de serviços de paz, os quaes, sophismados, abrem larga porta ás promoções por protecção ou simples sympathia, mal consideravel que se tenta ahí evitar.

Além disso, sendo certo que nem todos os generaes de brigada darão bons generaes de corpo de exercito, segue-se que a absoluta antiguidade trará o inconveniente de alçar ás posições individuos sem a devida capacidade para occupal-as.

Aqui tambem cabem as considerações que anteriormente expendemos em relação ao modo de selecção mais natural nesses casos.

TENENTE MAX.

Vendem-se collecções dos «Annaes», ricamente encadernadas, do primeiro trimestre de 1904, primeiro e segundo semestres de 1905 e primeiro semestre de 1906.

As officinas dos «Annaes», dispoem de material completamente novo e moderno, encarregam-se de executar todo e qualquer trabalho typographico.

## A LIVRARIA

«OS EMANCIPADOS» — ROMANCE POR FABIO LUZ — LIVRARIA CLASSICA EDITORA. — LISBOA. — 1906.

Todos o reconhecem, o momento actual é caracteristicamente de preoccupações materiaes no Brazil.

Ao par disso, é de perspectivas tão ennevoadas que chegam a inspirar sérios receios, tornando inquietos os espiritos em relação ao dia de amanhã, e concorrendo para desenvolver, como consequencia, um egoismo, uma impiedade collectiva que ainda não se tinha conhecido na sociedade brasileira.

E' um corollario de taes condições esse «espirito de subservencia» de que todos os dias os opposicionistas politicos falam por ahí como de uma coisa que tambem ainda não se vira entre nós tão generalizada e intensa, qual hoje se vê.

Não podia ser que esse estado de coisas deixasse de influir nas nossas lettras na proporção da sua intensidade e importancia.

Houve uma modificação geral no feitio dos orgãos de publicidade diaria e começaram a publicar-se revistas de character ainda desconhecido entre nós. Quer os diarios, quer esses periodicos se fôram materializando aos poucos, deixando de ligar maior importancia á factura do ponto de vista litterario, attentando mais sériamente ao que respeita ás illustrações, que todos que precisavam sustentar concorrência tiveram de acolher, ou então a outros aspectos, a outros meios ainda mais praticos de augmentar a vendagem.

Surgiu toda uma nova geração de jornalistas correspondentes ao gosto da epocha. Si nem todos são propriamente novos pela idade, si mesmo muitos dentre elles antes dessa phase já eram representativos, em todo caso não houve esse, ou os houve muito raros, que, consciente ou inconscientemente, deixassem de modificar mais ou menos os seus processos para terem a feição do tempo.

A ultima geração litteraria que vegetou, com feição propria e programma mais ou menos definido, pelos intersticios que se lhe concediam nos diarios ou então pelas revistas ephemerias de sua criação, foi a dos chamados symbolistas, decadentes ou nephilbatas, que toda já desapareceu do Rio e se váe smorzando pelas provincias, onde por fim se confinou.

Depois disso, uns oito ou dez livros se hão publicado que conseguiram merecido successo, na realidade obras de valor. Alguns delles, productos de escriptores que estão completando sua

obra, iniciada em outras phases litterarias que tivemos, mas outros correspondentes de todo ao momento actual, porque por este ou aquelle de seus aspectos, si não todos, se inspiram nas preoccupações que o momento suggere. Em todo caso, a esthetica de nenhum delles é nova de modo a poder constituir escola litteraria propriamente dita.

Sente-se que a esses ora no inicio de sua carreira prende-os, a quasi todos, entre si, uma tendencia ou antes uma preocupação commum, que é o problema nacional, e por esse lado elles se acham em ligação com os espiritos contemporaneos de mais alcance, entre nós, que todos insistem desusadamente nesse ponto hoje em dia, cada qual segundo suas forças e as circunstancias permittem.

Mas ainda não chegou o momento dessa tendencia tornar-se uma corrente propriamente dita; por emquanto, as preoccupações pessoas ou pelo menos puramente concretas tem de ser as predominantes. Ainda não veio nenhum facto de vulto impressionar o paiz de modo a obrigar os espiritos a um abalo profundo, que os faça pensar a sério nisso que já é a inevitavel preocupação dos mais avisados e generosos.

Aliás talvez seja indispensavel essa modorra em epochas de refazer cidades, construir portos e facilitar communicações. Indispensavel e sábia, porque não ha duvida que esses empreendimentos já importam numa solução parcial do problema.

De qualquer modo, nada mais natural, enquanto não accordamos dessa apathia, do que o esmorecimento de tudo o que depende do sentimento de segurança, que é o que tráz a alegria de viver e com ella ordinariamente todos os encantos da idealisação, todos os elementos constituintes da arte.

Uma das novidades litterarias deste instante são as criticas mais ou menos positivistas de Pedro do Coutto e as novellas ou romances um tanto ou quanto anarchistas (na legitima accepção politica da palavra) de Curvello de Mendonça e Fabio Luz, cujo ultimo livro, *Os Emancipados*, é a razão de eu estar escrevendo estas linhas.

Importa saber-se que os dois libertarios e o seu contemporaneo comtista são amigos intimos entre si, e que as idéas que defendem não os impedem até de formar uma liga por assim dizer offensiva e defensiva no terreno litterario, é verdade que sem sacrificio de principios, pelo menos no seu modo de ver.

Aliás não se trata de uma trindade isolada. Elles fôram os elementos primordios de toda uma agrupação que vim encontrar na minha volta, a que

se prendem mais ou menos: um nitzscheniano e, não obstante, ao mesmo tempo, socialista, que é Elysio de Carvalho; um espiritualista, christão e algo espirita, que é Rocha Pombó; um symbolista nephilibata de ha pouco tempo, que é Gustavo Santiago, (ora um tanto propenso a estudos geographicos e historicos, desde que entrou para a Sociedade de Geographia); um philologo e grammatico liberal, que é Maximino Maciel; outro também grammatico, pedagogista e polemista, que é Hemeterio dos Santos; esses e talvez alguns mais, cujos nomes me escapem de momento, todos homens já bastante conhecidos, além de diferentes rapazes, alguns sobre os quaes se depositam muitas esperanças, mas cujos nomes ainda não entraram na grande circulação.

Dá-se ainda que em torno do grupo mais propriamente dito andam varios individuos que, si não adherem, sympathizam com os adhesos, totalmente ou em parte, ou então que antes gozam da sympathia delles, como acontece, por exemplo, a João Ribeiro, um escriptor de reputação totalmente feita, academico, bastante persuasivo outr'ora e actualmense fervoroso classista; a Mucio Teixeira, irreductivel romantico, apezar de todas as multipas evoluções exteriores de seu espirito; a Paulo Barreto, o «principe», realista por natureza e *dernier cri* até á medulla, valoroso moço por cuja candidatura á Academia alguns do grupo actualmente trabalham; a esses e a outros que dão menos na vista. O auctor deste artigo, por exemplo, não é de modo algum antipathico a quem quer que seja dos que compõem a agrupação referida.

Indo mais longe, verificamos que não só o critico positivista e seus amigos libertarios pertencem a este aggregado perfeitamente heceterogeneo de que fôram os elementos constituintes, como que são membros normaes da sociedade burgueza, sem preconceitos de seita na pratica, antes submissos aos da epocha, todos regularmente casados no civil e creio que também na egreja, funcionarios publicos, consequentemente «parasitas da sociedade», como se costuma dizer, e, peor do que isso, sem autonomia propria, tendo de agir em muitos casos inteiramente de accordo com a «ignorancia official».

Por todo o exposto, é facil de atinar com a causa desses escriptores tendenciosos haverem achado elementos de desenvolvimento numa epocha de preocupações caracteristicamente materiaes, e egoista, como é a actual.

Elles prosperam na tregua que da indifferença do publico pelas letras e do desanimo dos productores tinha de resultar naturalmente. Hoje ninguem

briga por causa de theorias e de escolas, porque «não vale a pena». Todos crearam juizo a um tempo, ganharam a triste sabedoria negativa dos annullados. Andamos juntos menos pela alégria de um victorioso pensar commum, do que pela tristeza de uma tactica ou confessada queixa geral. Si o ambiente é estranho á nossa existencia, si não se nos julga, somos todos do mesmo jaez.

Veja-se, por exemplo, este livro *Os Emancipados*, de Fabio Luz, em que elle defende o amor livre, a abolição da propriedade, a extincção da moeda como meio de relação, a annullação do direito de julgar, tal e qual os mais radicaes idéologos conhecidos o fazem. Suscitou elle, porventura, já não digo qualquer escandalo, mas discussões de certo modo calorosas, sérias analyses das paginas em que semelhantes idéas são expostas?

Foi quasi como si nesse romance se dissessem as mesmas inocuidades mais ou menos brilhantes, as unicas coisas, systematicamente, que se dizem nas conferencias litterarias do Instituto de Musica, as quaes constituem uma outra novidade da epocha.

No fundo, conferencionistas, positivistas, anarchistas, nitzschenianos, néo-christãos, classicos, grammaticos liberaes... *tutti quanti*, são julgados hoje em dia entre nós egualmente innocuos, porque afinal não ameaçam derrubar o que quer que seja que no momento se tome a peito.

Além de tudo, os tres doutrinarios citados gozam de outra vantagem: a de não se haverem apresentado com pretensões a grandes talentos, a de não serem candidatos a uma gloria propriamente estrondosa. Cada um delles já não é uma creança, pelo contrario todos tres já transpuzeram a phrase da primeira mocidade e tem a cultura necessaria para conhecer, nesta questão de talento, a relatividade que lhes caiba.

Depois, como antes de virem para as letras viveram absorvidos por preocupações de outra ordem, em que dispendiam quasi toda a sua actividade, não tiveram tempo de se exercitar por modo a, quando apparecessem, apresentarem-se como escriptores verdadeiramente feitos.

Notará isto quem haja lido *O Ideolgo*, — uma novella anterior do sr. Fabio Luz, — e agora este seu outro livro, mais bem feito, mais cheio (como se diria dum rosto humano), com uma preocupação litteraria visivelmente mais pronunciada.

Deste modo, elles não suscitaram grandes invejas no meio; e isso não é má para virem com menos difficuldade boas noticias nas folhas. Só um ou outro critico mais acerbo tentou tolher-lhes o caminho. Mas elles traziam

a vantagem de não vir'sós e de não ser timoratos: o numero e a coragem propria deu-lhes estimulo para proseguir adeante.

Com estas considerações geraes foise-me o espaço, e pouca coisa poderei dizer do livro de Fabio Luz em particular que occasionou este artigo.

Eu o prefiro, como já disse, á sua novella anterior, mas ainda lhe acho, como naquella, os defeitos dos romances de tendencia, em que geralmente a verdade psychologica é prejudicada, de que os typos ou são perseguidos ou perseguidores, tendo de ser forçosamente almas illibadas e santas as de uns, e as de outros, almas pollutas, quando não ferózes.

*Os Emancipados* são feitos bem assim. A inilludivel imparcialidade de um Balzac é coisa que nestas paginas se desconhece.

Além disso, tendo o auctor de defender idéas extremas, quasi completamente desconhecidas entre nós, grande parte dos personagens que figuram no livro são typos singulares, mesmo quasi de todo inverosimeis no Brazil. Constituem, portanto, um meio *sui generis*, nada correspondente ao momento actual.

E' impossivel, assim, a esta obra possuir a qualidade de um livro propriamente objectivo, de uma documentação da epocha. Ella antes nos fala do seu proprio auctor, do estado de cultura em que elle se ache, não exclusivamente de leituras que tenha.

Dizer que será um livro innocuo, isso é que não se pôde dizer. Mais de um leitor elle encontrará a quem ha de seduzir, a uns exclusivamente pelo seu valor litterario, pelo sentimento puramente esthetico que desperte, mas a outros também pelas suas proprias doutrinas.

Estas paginas, como as de *Regeneração*, de Curvello de Mendonça, hão de ter um logar na historia da evolução das idéas entre nós. Cabe aos dois amigos e contemporaneos o direito de serem tidos como os creadores do romance anarchista entre nós.

*Os Emancipados* deixam transparecer o character bondoso, a doçura, mesmo a meiguice secreta, e a seriedade simples, que quantos conhecem Fabio Luz sabem serem suas qualidades moraes. Está ali mais uma razão para a efficacia da propaganda que iniciou, nos espiritos susceptiveis de acceital-a.

Quem quer que seja, porém, curioso de conhecê-lo como escriptor, posta á parte essa questão de doutrina, muitas paginas encontrará de que lhe ha de vir um certo agrado, uma certa sedução, como me aconteceu a mim folheando esse seu ultimo livro.

NUNES VIDAL.

## CONCURSO DE ARCHITECTURA

PROJECTO PARA O EDIFICIO DO  
CONGRESSO NACIONAL

Póde-se differir de opinião sobre o merito dos trabalhos apresentados ao concurso de projectos aberto pelo Congresso Nacional; é, porém, impossivel negar-se o espontaneo apparecimento de notaveis talentos e a victoriosa consagração que teem tido.

O gosto artistico de um povo se manifesta em suas artes decorativas e em sua architectura, e nós, até aqui faltos de bellas edificações e principalmente de tradições artisticas, vemos, surprezos, surgir esta pleiade que, apresentando-se ao concurso, anima as esperanças de uma refórma estructural nesta cidade que, no particular, ainda lê pela cartilha de nossos colonisadores.

Da paralytia completa do senso artistico e decorativo de que sempre sofremos, sáe um movimento que é um surto, applaudido e seguido com anciedade pelo publico; os jornaes se interessam por este esforço, observam-no, discutem-no, e a reportagem se familiariza com a tecnologia especial á arte.

O programma do concurso, assáz explicito, estabelecia condições numerosas, que requisitavam dos projectistas vastos conhecimentos, assim como lhes dava a resolver o problema de achar uma nova fórma architectural que correspondesse aos actuaes elementos de construcção.

O plano annexo ao programma era limitadissimo de espaço na fachada principal, difficultando esta exiguidade a nitida separação das duas Camaras, que, collocadas na mesma linha transversal, não poderiam ser divididas por um grande *hall* ou uma galeria de passos perdidos. Ainda augmentava os obstaculos a irregularidade do perimetro, pois, nos eixos, cortando-se obliquamente, os pontos de sutura deviam ser mascarados com maior ou menor felicidade.

Onze projectos se apresentaram a julgamento, e, dentre elles alguns se recommendam por qualidades de gosto e composição superiores.

A dominante nos projectos é o espirito classico — é bem de ver-se que os concurrentes não pouparam nem

domos nem columnatas. Os amadores de innovações na architectura deviam procturar allures o estylo do XX seculo. Darmstadt e Turim desenvolveram as esperanças de que uma nova esthetica decorativa modernizasse a architectura, abandonando a lingua morta com que se expressava e, em resonancia com a vida real, se habituasse á viva e acceza linguagem que exprime a alma e o pensamento contemporaneo.

Inteiramente utopica nos parece, por enquanto, a applicação das fórmulas festivas dos pavilhões de exposições a um monumento de perduravel construcção. Uma corrente instinctiva levou os projectistas a applicar, mais uma vez, com risco de repetição, os bellos e magistraes exemplos dos classicos.

*Leda*, no gosto de uma justa proporção, perfeita distribuição dos serviços, simplicidade da linha de composição de uma cerrada logica de fórma, e principalmente no desenho, tráe-se um mestre da escola franceza.

O *made in France* é a marca de uma distincção particular, de uma superioridade muitas vezes inaccessible a outros. Sem duvida, não tem o seu projecto a fogosa invenção e a triumphante faustosidade de *Helo*, nem tampouco as arriscadissimas combinações de *Pro Patria* — a calma da composição, a estabilidade apparente das massas o tornam, em compensação, superiormente bello, concebido e executado com rara maestria e elegancia perfeita.

Sumptuoso e magnifico, o projecto de *Helo*, em seu grave e offuscante fausto, ressuscita os esplendores desaparecidos, sem deixar de ter um cunho de modernidade que anima a fria belleza das linhas classicas.

Si, com sua massa monolitha, recorda aos eruditos o templo de Preneste na extraordinaria restituição de Cipolla, a phantasia delicada e a exquisita originalidade do arranjo impressionam como uma obra pessoal, de uma unidade grandiosa.

A' classica rigidez tem a adoçar-lhe as linhas, certos contornos Luiz XIV, e arcadas romanicas austerizam-lhe certos massiços, tudo sem tirar a uniformidade da composição, dando, ao contrario, realce perfeitamente novo

á totre que numa serena e gloriosa ascensão de pyramide egypcia, é duma redundancia não isenta de encanto.

A' critica apressada dos jornaes, inspirado como é o projecto em estylo greco-romano, pareceu haver caducidade de fórma, sem o elemento novo peculiar ás armaduras de ferro recobertas de ceramica architectural, tão vulgarizadas nos ephemeris monumentos das exposições em que, á leveza do material, se deva alliar a sumptuosidadz e phantasia de um *fair world*.

A fórmula de arte nova reclamada, não se coaduna com o destino da edificação, pois o movimento de refórma ainda se esboça nas artes sumptuarias — mobiliario, indumentaria, etc. — com as incoherencias proprias dos primeiros impulsos, sem dar á architectura, resultante e synthese de todas as artes accessorias, uma base racional ás perduraveis fórmulas dos monumentos publicos.

Pela originalidade calma, pela imaginativa refreida, pela excellencia na distribuição da planta, sem áreas interiores, inutilisadoras de espaço e de poder illuminativo diminuto, pelo desenho, abandonados os virtuosismos de tira-linhas, mas de grande efeito artistico, angariou do publico, admittido a vel-o, as maiores sympathias.

*Semper*, espirito pratico e rasoavel, caracteriza-se pela simplicidade sem preocupação de escapar a vulgaridades de expressão. Na fachada principal as columnatas lateraes são motivo banalisado nos concursos de architectura, e a porta de entrada, materialmente insufficiente, é falta de grandeza requisitada em semelhantes accessos.

O zimbório, bem lançado, abriga um Pantheon, curiosa invenção que extranhamos em tal edificio. Na planta, aliás de grande unidade na distribuição, a fórma rectangular das salas de secções condemna-a como faltando aos requisitos de acustica exarados no programma. Guardamos bem de discutir ou dogmatizar, entretanto, si teem querido justificar a fórma empregada com o exemplo de modernos parlamentos europeus — o Reichstag de Berlim entre outros — podemos argumentar com o de modernissimos congressos dos Estados

da União Americana em que a fórmula semicircular é adoptada sem discrepância.

Agrada-nos, entretanto, a sobriedade desprezenciosa das linhas, a graça dos pavilhões que ladeam as columnatas da fachada principal, e a fachada posterior, encantadora com seus tres janelões envidraçados, motivo delicado e de bello effeito.

Curiosamente contrastando com o preecedente, *Pro Patria*, cuja phantasia cavalga o hippogrifho, entrega-se a arrojadas combinações—sobe a estupefacientes alturas como um domo indiano, tendo a seus flancos frontões gregos; rasga enorme portico na fachada principal, lembrando as construcções de rapida improvisação para as festas internacionaes, que, nascidas na primavera e mortas no outono, deram fórmula tangível, dobrando-as ás contingencias estaticas, ás phantasmagorias que obsecam o cerebro dos architectos phantastas.

Falar de *Quanto posso* seria tirar-nos todo o imprevisto sabor da babilonica elocubração de *Pro Patria*. Indigente de fórmula e de phrasica architectural, seu projecto, com as coberturas que se interceptam violentamente, parece-nos mais o de uma *gare* que o de um abrigo ao corpo que supremamente legisla os destinos da patria.

Os outros concurrentes fazem jús a homenagens pelo zelo e coragem com que affrontaram as eventualidades de um concurso, sem temer adversarios na lucta ardente que se engajou. Saudamol-os e terminamos.

GELABERT DE SIMAS.

RECEBEMOS:

— «De Aspirante a Almirante, 1860 a 1902, minha fé de officio documentada», pelo admirante Arthur de Jaceguay.

Esta obra do sr. Jaceguay dará seis tomos de trezentas paginas, dos quaes este será o penultimo, diz o illustre auctor.

— «Estudos e Escriptos», por Augusto Franco, de Bello Horizonte, a quem, aproveitando a occasião, muito agradecemos as suas constantes finezas de critico para com o director dos *Annaes*.

E' da Escola de Guerra, do Rio Grande do Sul, o *Occidente*, revista de letras, sciencia, artes e philosophia. A collaboração do n. 1 é copiosa, é mesmo brilhante, como convém á justa reputação que distingue a mocidade, tão estudiosa, tão trabalhadora, das nossas escolas militares.

— *Os Serões*, n. 10. Está cada vez melhor essa revista portugueza. Ella constitúe a

recolta das producções do moderno espirito de Portugal.

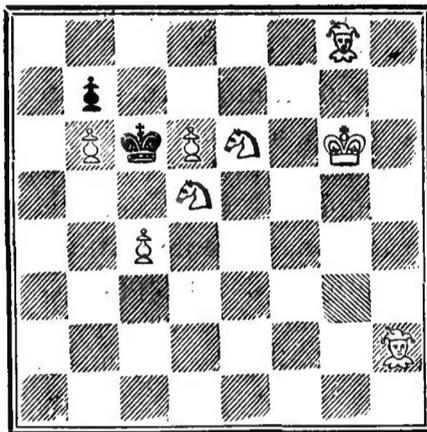
O n. 10 dá, illustrado, um artigo do sr. Ramalho Ortigão sobre pintura do sr. Malhóa.

XADREZ

PROBLEMA N. 54

F. Mendes de Moraes Filho (Rio)

PRETAS (2)



BRANCAS (8)

Mate em tres lances

\*\*

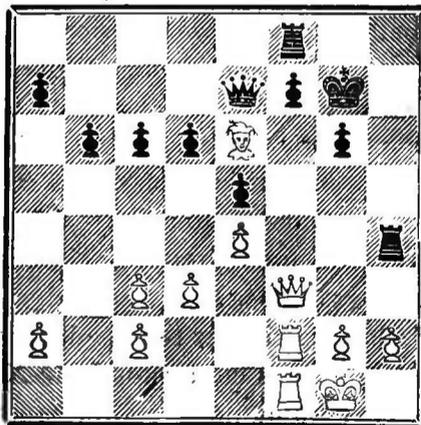
PARTIDA N. 60

(Jogada em março de 1906)

PARTIDA DOS 4 CAVALLOS

Brancas (Marshall)	Pretas (Maroczi)
P 4 R	— 1 — P 4 R
C 3 B R	— 2 — C 3 B D
C 3 B D	— 3 — C 3 B R
B 5 C D	— 4 — B 5 C D (a)
Roque (b)	— 5 — Roque
P 3 D	— 6 — B X C (c)
P X B	— 7 — P 3 D
B 5 C R (d)	— 8 — C 2 R (e)
B X C (f)	— 9 — P X B
C 4 T R	— 10 — C 3 C R
C X C (g)	— 11 — P T X C
P 4 B R	— 12 — F 3 B D (h)
B 4 T D	— 13 — R 2 C
D 3 B R	— 14 — D 2 R
T 2 B R	— 15 — T 1 T R
T D 1 B R	— 16 — B 3 R (i)
B 3 C D (j)	— 17 — T D 1 B R
D 3 R (k)	— 18 — P 3 C D
D 3 B R (l)	— 19 — T 5 T R
P X P	— 20 — P B X P
B X B	— 21 —

Depois do 21.º lance das Brancas



D 3 C R	— 21 — T 5 B R! (m)
T X T	— 22 — T X T
P 4 B D	— 23 — D X B
	— 24 — P 4 D

P B X P — 25 — P X P  
P X P — 26 — D X P  
D 3 R — 27 — P 3 B R

empate

(a) Em uma partida contra Finn, Maroczi jogou 4... P 3 D mas deve ter-se convencido de que este lance não é satisfactorio. Si 4... B 4 B D, 5 — C X P, C X C, 6 — P 4 D, B 3 D, 7 — P 4 B R, C 3 C R, 8 — P 5 R, com vantagem, porque si 8... P 3 B D, 9 — P X B, P X B, 10 — D 2 R x, R 1 B, 11 — P 5 B R, C 5 T R, 12 — Roque, etc.

(b) 5 — C 5 D não seria bom por causa de C X C, 6 — P X C, P 5 R, 7 — P X C, P D X P, etc.

(c) Não gostamos desta troca: preferimos 6... P 3 D e si 7 — B 5 C R, C 2 R.

(d) A 8 — B X C, P X B, 9 — B 5 C R, as Pretas pôdem responder 9... D 2 R, 10 — D 2 D, D 3 R!, etc.

(e) Si 8... B 5 C R, 9 — P 3 T R, B 4 T R, 10 — P 4 C R, B 3 C R, 11 — C 4 T R, com um jogo superior.

(f) Este lance não dá coisa alguma.

(g) Si 11 — D 5 T R, C X C, 12 — D X C, P 4 B R!

(h) Era inutil expulsar o B para uma casa melhor e enfraquecer o P D. Melhor seria 12... P 4 B R, ameaçando P R X P seguido de D 4 C R. Em todo o caso, ter-se-iam desembaraçado de um pião dobrado, a unica fraqueza do seu jogo e preparado eventualmente uma sortida com a D. a 3 B R ou a 5 T R.

(i) Estavam ameaçados de P X P.

(j) O melhor. Si 17 — P 5 B R, P X P, 18 — P X P, B X P T, 19 — D 4 C R x, R 1 B, 20 — T 3 B R, D 2 B D, etc.

(k) A 18 — P X P, P B X P, 19 — D 6 B R x, D X D, 20 — T X D, as Pretas teem o lance salvador P 4 D.

(l) 19 — D 3 C R era muito mais forte.

(m) Igualando completamente os jogos. 21... D X B seria máu por causa de 22 — D 6 B R x, D X D, 23 — T X D, ganhando um pião.

(Notas de Janowski.)

\*\*

F. MENDES DE MORAES FILHO. — Mandenos uma segunda via do seu problema em 2 lances que ainda não publicamos.

\*\*

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 53 (F. Mendes de Moraes Filho): D 5 T D.

JOSÉ GETULIO.

ENTREVISTA

Espero-a. Eil-a que chega  
De leve pisando a areia...  
E logo um rumor se eleva  
Da terra de aromas cheia.

Fairam, no ar, mysteriosas  
Estrophes sentimentaes;  
Abrem-se as flôres cheirosas  
Dos copados laranjaes.

E das palmeiras, o vento,  
Os leques, de leve, agita;  
E logo um vago lamento  
Em torno dellas palpita...

Mas sinto passos... Attento,  
Applico mais meu ouvido,  
Pois sinto neste momento  
Um farfalhar de vestido.

Emfim sós!... Já madrugada,  
De abraços, de beijos cheia,  
Retira-se a minha amada  
De leve pisando a areia...

Rio, 1906.

ANTONIO DIAS VIEIRA.

ADEUS!

(A FELIX PACHECO)

HELENA

Não me deixes ficar, que eu morro. Não me deixes  
Permanecer aqui. Leva-me, Lauro, ou fica!

(Procura erguer-se)

Abre as janellas. Quero a luz entrando aos feixes.

(Lauro obedece)

Assim.

(O sol entra, docemente. Derrama-se pelos tapetes do  
chão, detem-se á orla da cama. Helena contempla-o.  
Pausa. Com febre)

Como te adoro, ó luz terna e pudica!

LAURO

(Segura as mãos da enferma, que desce as palpebras sobre o  
azul luminoso dos olhos meigos)

Não te faz bem falar. Acalma-te. Descança.

(Ardentemente)

Quem te disse que eu vou partir? Quem? Porventura  
Deixa a rôla na balsa o ninho? Deixa a mansa  
Andorinha o beiral? Deixa o cysne a agua pura?

Quem te disse que eu vou partir? Mas si o meu norte  
E's tu. Mas si o meu sol — meu resplendente guia —  
E's tu. Si o teu olhar faz-me feliz e forte.  
Si a tua amada vóz me inspira e me extasia...

Quem te disse que eu vou partir?

HELENA

(Faz um movimento, váe falar. Lauro interrompe-se, ar-  
quejante)

Loucura minha,  
Sou eu que vou. Sou eu que te abandono em breve.

(Lauro quer protestar)

Sou eu. Meu coração estremece, adivinha. :

(Detem-se. Aterrada)

Quem está mergulhando os meus joelhos na neve?

(Leva o lençol á bocca, mancha-o de sangue. Com uma pun-  
gente amargura na fala)

Como é triste partir, findar, morrer, deixando  
As aves a cantar pelo verde arvoredado  
Cantos de amor triumphante! Ai! Partir, findar, quando  
Se começa a viver!

(Comprime as mãos de Lauro contra o peito)

Deixar-te já, tão cedo!

Partir, findar, morrer, sabendo que, nos montes,  
De cada vegetal em cada fructo brota  
O amor... Sabendo que nas ribeiras insontes  
Marulha o amor... Que da hera á estrella mais remota

Canta, e se agita, e vibra, e fulge, e resplandece,  
E lateja, e palpita, e impera o amor eterno!

(Pausa. Pelas faces de Lauro descem lagrimas silenciosas.  
Reagido)

Mas ainda hei de viver. Ainda verei a messe  
Nos campos. Verei ainda os passaros, no inverno,

Virem buscar abrigo ao nosso tecto. O prado  
Verde, cheio de olor, coberto de boninas,  
Ainda percorrerei, exultante, a teu lado,  
Ao suave murmurar das fontes crystallinas.

Não ha de ser assim, Lauro? Juntos, felizes,  
Pelos bosques, desviando os orvalhados ramos,  
Pelas varzeas, colhendo os delicados lizes,  
Não correremos ainda, á vóz dos gaturamos?

(Numa revolta cheia de lagrimas)

Deus não me ha de levar daqui. Porque eu não quero,  
Não, não, não, eu não posso, eu não devo ir-me agora!  
Não se interrompe assim um amor tão sincero.  
Não se escurece assim uma tão casta aurora.

Não se lacera assim a face socegada  
Da agua impolluta e azul de um lago bonançoso.  
Não se desmancha assim a estancia perfumada  
Onde se abriga o amor, sollicito e affectuoso.

Não se abatem assim, de tão atróz maneira,  
Um por um, de um jardim, galhos de arvores tantas.  
Não se desvia assim o curso da ribeira  
Que estanca a sêde ardente a passaros e a plantas.

Não se arrancam assim á flôr fresca e fragrante  
As petalas que á brisa e ás aves pedem beijos.

(Eleva a vóz, uum protesto onde põe toda a energia e toda  
a alma)

Não! não pôde morrer quem não viveu bastante  
Para satisfazer seus mais caros desejos!

(Cala-se. Desfallece. O ar do interior da camara vibra á sua  
respiração sibilante. O sol tem-se afastado, váe fugir  
pela janella. Vem das arvores do jardim, do beiral, da  
sebe entrelaçada de roseiras, um canto ruidoso de passa-  
rinhos em festa. As cortinas da jauella, á brisa que,  
auhelante, procura penetrar no quarto, afastam-se leve-  
mente, tremulante. Lauro não tem coragem de encarar a  
agonisante. Pausa. Helena move-se, reanima-se. Aponta  
vagamente para o espaço, delira)

Olha... Um anjo... Não vês?... Repara... Um mensageiro  
De Deus...

(Lauro, com um profundo cunho de soffrimento na face con-  
vulsionada, inclina-se anciosamente para Helena, que  
recompõe, a um sorriso indefinido, as linhas do rosto  
purissimo. O delirio continúa)

... Quer me tomar nos braços.

LAURO

(Com vóz suffocada)

Minha vida,

Tu não podes morrer!

HELENA

(Murmurando, com uma subita lucidez)

Chegou meu derradeiro

Momento... E, ai! Como te amo!

(Num supremo esforço)

Adeus! Adeus!

LAURO

Querida!

(Quer erguel-a nos braços. Helena convulsiona-se, enlanguesce-se, immobilisa-se, morre. Lauro solta-a, encara-a desvairadamente)

Morta! Apagado o olhar! Contraído o rosto terso!  
Ai! Que me resta mais? Meu Deus do céu, que dôr!

(Vae para o meio do quarto, como um louco)

Casa, rue! Terra, oscilla! Extingue-te, Universo!

(Corre para o leito, cae de joelhos, vencido, soluçando)

Meu amor! Meu amor! Meu amor! Meu amor!

1906.

HEITOR LIMA.

## COPIA INTANGIVEL

Mão impotente! que não sabes ter firmeza  
Quando pégo do escopo e, o marmore ainda bruto,  
Corto, desbasto, e, linha a linha, em ancias, luto  
Para dar-lhe a expansão da olympica belleza...

Não tremas de pavor, não pares de incerteza!  
Que a fórma, ao derivar de um pensamento arguto,  
Ha de yir do trabalho acabado, impolluto,  
Como a copia fiel de toda a natureza.

Mão! tudo que ao volver da vida na corrente  
Passa, como passou a rosa desfolhada  
Do meu sonho, perdida e nunca mais presente,

Tudo não copiarás, porque, de tudo, nada  
Diz tanto como a dôr que silenciosamente  
Tenho no coração para sempre guardada.

1906.

GASPAR UCHÔA.

## ANTE O BUSTO DE MARTE

(AO EXMO. SR. BARÃO HOMEM DE MELLO)

Terrível potestade!... Herculeo deus da guerra  
Que em torrentes de fogo outr'ora aniquilavas  
As cidades cruéis que em tormentosas lavas  
Sumiram como o sol que tomba além da serra!...

Vejo-te em pedra o rosto indomito que encerra  
A rudeza e o terror que rustico inspiravas  
A soberbas nações que tu fizeste escravas  
Dessa Roma eternal que supplantára a terra.

Conservas o sobrolho asperrimo, franzido,  
A barba espessa e brutá e a excelsa magestade  
De eterno luctador, de heróe jámais vencido!...

Si o teu busto contemplo, olympica deidade!  
Como que ao longe escute o horrisono estampido  
Do rugir do trovão na vóz da tempestade.

1906.

IGNACIO RAPOSO.

## O RETRATO

Quiz Deus pintar um dia; e as rémiges possantes  
De altaneiro condor delineou alado,  
Do céu na azulea téla, em côres cambiantes,  
Das nuvens a romper o branco nacarado.

E depois debuxou no verde de esmeralda  
Do vasto mar tranquillo o corpo de uma ondina;  
Deslizam-lhe de espuma as flôres da grinalda  
Por sobre os hombros nús, de eburnea pelle fina.

Orgulhoso do quadro e á téla procurando  
Um remate gracil, artista moldura,  
De glauca phantasia uma obra de apparato,

P'ra terra os olhos volve e os olhos alongando,  
Viu-te, querido amor, e rapido a pintura  
Do quadro azul desfez, traçando o teu retrato!

1906.

AFFONSO COSTA.

## CAVALLEIRO TRISTE

Onde váes a correr, Cavalleiro, que rumo  
Buscas? Disse-lhe alguém, ao vel-o a toda brida,  
Lança em riste, esardado, erecto o dorso, a prumo,  
Galopar pela estrada asperrima da Vida.

Elle, sem se deter, disse, de fronte erguida:  
«Sigo em busca do Amor, da Ventura, e presumo  
Que hei de achal-os». O alguém: «E' uma viagem perdida;  
Amor é uma illusão, Ventura é apenas fumo...»

Sorriu. E lá se foi, celere, na jornada.  
Caminhou, caminhou; viu escoarem-se os annos,  
Sem conseguir transpôr a méta desejada.

E segue, escravo dos desalentos humanos...  
Onde váes, Cavalleiro? Ao que responde: «Ao nada,  
Sob o pezo fatal da cruz dos desenganos...»

1906.

JOÃO DE DEUS FILHO.

## TRAIÇÃO

—«Dúvidas que eu te beije?» disse, feita  
A paz. E ella: — «Estás doido! Isto viria  
Zangar-nos outra vez...» Emtanto, ageita  
A face. Avanço. Corre. Não queria!...

Mas volta. Diz que não tem medo e espreita  
A minha raiva; senta-se, assovia,  
Da cabelleira as rosas endireita...  
E como ria! Loucamente ria!...

De novo avanço: ella, ligeira, pula,  
Dá-me na cara de mansinho e, adeante,  
Ri-se da minha miseravel gula.

Mas.. num momento distraiu-se. Alerta  
Salto (e ó fatal instincto!) neste instante  
Cantou-lhe o beijo na boquinha aberta.

1906.

BAPTISTA JUNIOR.